UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

SIBELE MARIA DAL'COL DO AMARAL GUIMARÃES

DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO: AS RELAÇÕES ENTRE AVÔS E NETOS EM FACE DO AVANÇO TECNOLÓGICO

CURITIBA

2014

SIBELE MARIA DAL'COL DO AMARAL GUIMARÃES

DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO: AS RELAÇÕES ENTRE AVÔS E NETOS EM FACE DO AVANÇO TECNOLÓGICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - Mestrado - da Universidade Tuiuti do Paraná, na linha de pesquisa: Cultura e Instituições, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre.
Orientadora: Profª. Doutora Maria da Graça Rodrigues Santos

CURITIBA

2014

Meu sincero agradecimento a todos que de alguma forma contribuíram para a realização desse projeto.

Obrigada à equipe de professores do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Tuiuti do Paraná, que generosamente compartilhou comigo seus conhecimentos e serviu de inspiração para que eu conseguisse trilhar novos caminhos... Um agradecimento especial à orientadora, Professora Maria da Graça Rodrigues Santos e à Professora Solange Oliveira pela imensa dedicação e contribuição a essa pesquisa.

Agradeço à minha família, em especial ao meu marido Marcio e aos meus filhos Matheus, Pedro Henrique e Isabelle pelo carinho e compreensão com que aceitaram as minhas inúmeras ausências.

Meu agradecimento à equipe do Colégio Marista Paranaense, em especial aos Prof. Mario Pykocz e Prof. Elemar Menegatti pelo apoio e incentivo. Sou imensamente grata à minha amiga Alecy Vesgerau pelo apoio incondicional e por compartilhar comigo todas as etapas do mestrado.

A todos aqueles que responderam às minhas perguntas, participando dessa pesquisa e doando generosamente seu tempo e compartilhando comigo suas experiências de vida, minha gratidão.

Enfim, agradeço aos colegas do Curso de Mestrado por termos constituído uma turma única e muito especial desde os primeiros instantes, em particular as minhas amigas Mariana e Viviane pelos momentos de ajuda e partilha.

RESUMO

A história dos seres humanos está ligada ao seu convívio social e a forma como a herança cultural é transmitida de geração em geração como modo de sobrevivência de um determinado grupo social. Nesse sentido, fortalecer as relações que se estabelecem entre indivíduos de diferentes gerações favorece a propagação dos aspectos culturais que efetivamente sustentam os relacionamentos sociais tendo a família, enquanto instituição social como espaço de interação que permite relações significativas entre indivíduos de diferentes gerações. Esse estudo tem por objetivo compreender se o acesso à tecnologia pode favorecer as interações que se estabelecem entre indivíduos de diferentes gerações a fim de proporcionar a transmissão da herança cultural. Para esse fim, foram realizadas entrevistas com grupos de avôs e netos, que possibilitaram analisar as interações entre indivíduos de diferentes gerações tendo como ferramentas de comunicação o computador e o telefone celular. A interpretação dos dados possibilitou compreender que a tecnologia, cada vez mais veloz, transforma a dinâmica da sociedade e amplia a possibilidade de estabelecimento de processos comunicativos que levam os relacionamentos a níveis de interação cada vez mais complexos e que pode representar uma forma de ampliação das relações que se estabelecem entre os indivíduos, favorecendo as relações intergeracionais.

Palavras-chave: Interação.Tecnologia.Geração.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....6

1. DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO: O AVANÇO TECNOLÓGICO, A GERAÇÃO MAIS VELHA E OS JOVENS DA ATUALIDADE. 9

1.1 O AVANÇO TECNOLÓGICO DO TELEFONE AO COMPUTADOR 9

1.2 OS IDOSOS E O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO 17

1.3 A JUVENTUDE NA ATUALIDADE.....22

2. ENTRE OS JOVENS E OS IDOSOS 29

2.1 DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO: AS POSSIBILIDADES DE TRANSMISSÃO DA HERANÇA CULTURAL.....29

2.2 FAMÍLIA: ESPAÇO DE INTERAÇÃO.....34

2.3 CONSTITUINDO-SE COMO INDIVÍDUO PARA RELACIONAR-SE COM O OUTRO.....37

2.3.1 Subjetividade e sociabilidade 37

2.3.2 A interação na construção das novas relações 39

3. A COMUNICAÇÃO NA VIDA COTIDIANA 43

3.1 LÍNGUA E LINGUAGEM.....43

3.2 A APROXIMAÇÃO DE JOVENS E IDOSOS À TECNOLOGIA DA COMUNICAÇÃO NA VIDA COTIDIANA 49

3.3 A LINGUAGEM COMO TECNOLOGIA.....55

4. CONECTANDO TEORIA E PRÁTICA 59

4.1 A TECNOLOGIA COMO MEIO DE INTERAÇÃO ENTRE JOVENS E IDOSOS.....59

4.2 MÉTODO E PESQUISA.....61

4.2.1 Caracterização dos entrevistados.....63

4.2.1.1 O grupo dos avôs.....63

4.2.1.2 O grupo dos netos.....65

4.2.2 Percepção acerca da condição de jovem ou idoso.....66

4.2.2.1 O que é ser idoso e o processo de envelhecimento.....67

4.2.2.2 Facilidades e dificuldades do idoso.....68
4.2.2.3 O que é ser jovem e as perspectivas de futuro.....69
4.2.2.4 Facilidades e dificuldades do jovem.....70
4.2.3 Frequência e finalidade de uso dos meios de comunicação.....71
4.2.4 Relações entre avôs e netos 76
4.1.4 Meios de contato entre avôs e netos 79
4.1.5 Percepção em relação à possibilidade dos meios de comunicação proporcionarem a interação entre avôs e netos.....82

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....84

REFERÊNCIAS 87

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea apresenta-se com um perfil singular na organização dos grupos sociais: novas estruturas familiares, múltiplas infâncias, novos papeis são instituídos. Vive-se num contexto social que separa as gerações, classificando-as de acordo com as identidades etárias. A infância e a juventude contemporânea apresentam características próprias e o aumento da estimativa de vida contribui para o crescimento do percentual de idosos, o que implica na redefinição do papel dos grupos na sociedade, levando à necessidade de um olhar mais atento para com este grupo social específico.

Sabe-se que é pelas relações e pelas interações realizadas entre as pessoas de um mesmo grupo social, ou grupos sociais diferentes, que acontece a aprendizagem, considerada, sob uma perspectiva crítica, como uma construção sócio-histórica-cultural, produto de escolhas e decisões, de seleções pautadas em critérios e condições sociais, culturais e históricas, marcadas pelo *espaçotempo*[1] no qual se insere a sociedade, o modo de ser e estar no mundo. Segundo Eisenstadt (1976, p.13), "a interação dos membros de diferentes graus etários é essencial para o funcionamento e continuidade do sistema social." Dessa maneira, a aprendizagem é inscrita numa perspectiva de criação e construção de conceitos marcados pelo dinamismo das relações sociais, pela circulação de informações, das produções de saberes e subjetividades variadas. A busca pelo aprendizado das novas tecnologias da comunicação e informação, portanto, faz-se necessária para o acesso na sociedade e autonomia nas situações cotidianas.

Sob tais perspectivas, este estudo visa analisar se e como os avanços tecnológicos, em especial os ligados à tecnologia da comunicação como telefones celulares e internet podem favorecer a interação entre indivíduos de diferentes gerações, já que não se pode deixar de considerar o impacto que a tecnologia causa no modo de vida de todos aqueles que mantêm contato com ela nas suas atividades cotidianas. As relações que se estabelecem no convívio intergeracional[2] devem ser estimuladas com a perspectiva de um enriquecimento mútuo, que promova a aprendizagem e amplie a autonomia do indivíduo.

---

[1] O termo "espaçotempo" foi utilizado intencionalmente para reforçar a ideia de conceitos indissociáveis conforme o Projeto Educativo do Brasil Marista. Para os autores da obra, "espaçotempo é um continuum que se refere ao espaço e ao tempo de modo inter-relacionado. Nessa perspectiva, é necessário pensar fatos, processos, fenômenos e situações-problema considerando simultaneamente as especificidades espaciais e temporais. Ou seja, tudo – fatos, eventos, fenômenos, processos – acontece em espaços e tempos precisos e determinados". (2010, p. 26)

[2] Termo utilizado pela jurista Edith Brown Weiss, refere-se à relação que existe entre as gerações e comunidades que vivem no planeta, relação entre as gerações. A autora fundamenta essa relação em três princípios: o da diversidade das opções; o da conservação da qualidade; o da conservação do acesso. Embora dimensões

Considerando a transmissão dos valores e conhecimentos como uma das contribuições a serem partilhadas entre as gerações, a questão que se propõe refletir neste estudo é: os avanços tecnológicos podem servir de espaço de interação entre avôs e netos?

Esse tema foi suscitado a partir da percepção da autora, na observação de seu filho em relação com os seus avôs, do quanto às interações que se estabelecem podem ser diferentes segundo cada sujeito que participa dessa relação social. A relevância do assunto pode ser constatada se forem observados dados obtidos pelo Censo Brasileiro, realizado pelo IBGE[3] que afirma que, com o aumento da expectativa de vida, a população brasileira tem se tornado cada vez mais envelhecida, o que demanda refletir sobre a qualidade de vida[4] desses indivíduos em relação aos aspectos bio-psico-sociais.

Considera-se que as relações que essas pessoas estabelecem no contexto social, especialmente no âmbito familiar, são de grande valor para proporcionar aos indivíduos da "terceira idade" a manutenção da qualidade de vida. Concomitantemente, considerando os estudos de Vygotsky (1984) que afirma que é pela interação[5] com o outro e com o meio que acontece o processo de aprendizagem, refletiu-se que os jovens que convivem com seus avôs têm a possibilidade de compartilhar conhecimentos com eles. E os avôs também podem realizar aprendizagens na interação com seus netos?

Assim, o trabalho está organizado em quatro capítulos. O capítulo um tem como objetivo retratar as diferentes gerações e a tecnologia, explica ao leitor quais são os instrumentos de comunicação retratados neste estudo e a sua evolução, ao que se denomina "avanço tecnológico", bem como situá-lo em relação aos grupos sociais abordados neste estudo, explicações necessárias para a compreensão da ideia desenvolvida. Expõe-se sucintamente as modificações ocorridas em instrumentos de comunicação em um recorte histórico entre o período da Revolução Industrial até os dias atuais, destacando-se a evolução dos aparelhos de telefonia e computadores. Utiliza-se a reflexão desenvolvida por Manuel Castells a respeito da era da informação, sobre a ideia da "sociedade em rede". Em seguida, busca-se caracterizar o idoso e o processo de envelhecimento em uma perspectiva sócio-

---

distintas, elas se interelacionam, considerando que as presentes gerações têm um compromisso ético com as futuras gerações, uma responsabilidade com a vida.

[3] Dados do Censo foram obtidos pela pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010 e publicados em 2012.

[4] A idéia de qualidade de vida, principalmente em relação à população idosa, será discutida no primeiro capítulo deste estudo.

[5] O conceito de interação defendido pelo autor Lev S. Vygotsky será aprofundado no segundo capítulo.

histórica, trazendo dados da chamada "terceira idade" na atualidade. Por fim, assinala-se quem são, como se constituem e quais algumas características da juventude[6] atual.

O segundo capítulo procura delinear como diferentes gerações se relacionam e, para isso, abordam-se conceitos importantes para a construção das relações que se estabelecem. Procura-se entender como acontece a interação entre pessoas de diferentes gerações. Discute-se, sob a perspectiva do sociólogo húngaro Karl Mannheim, as possibilidades de transmissão cultural através das gerações. Busca-se esclarecer a importância da herança cultural elegendo a instituição familiar como espaço de interação e, além disso, analisa-se como o indivíduo se constitui enquanto sujeito, discutindo a construção da subjetividade, refletindo sobre como esse indivíduo torna-se um ser social e qual a importância da interação para as novas gerações.

O capítulo três refere-se à comunicação na vida cotidiana e destaca a importância da linguagem e dos instrumentos tecnológicos como ferramentas de interação. Visa demonstrar o quanto a comunicação interfere na forma do sujeito se relacionar e busca em autores como Saussure e Bakhtin as referências para o processo de aquisição da linguagem oral, que permite que um ato individual seja compreendido e significado socialmente. Traz à luz a pesquisa de Vygotsky sobre a linguagem como ferramenta de comunicação e interação social.

No quarto capítulo, procura-se conectar os conceitos trabalhados nos primeiros capítulos com a pesquisa de campo realizada e busca-se compreender se e como os avanços tecnológicos podem representar um meio de interação entre indivíduos de diferentes gerações. Partindo do pressuposto da importância da cultura como forma de perpetuar a espécie humana, discute-se, com base nos estudos de Edgar Morin, como as relações que se estabelecem entre indivíduos de diferentes gerações promovem a transmissão cultural . Como afirma Morin (2001, p. 82), "dessas interações nascem qualidades emergentes, a cultura, a educação e são elas que fazem de nós verdadeiros indivíduos".

Neste sentido, foram realizadas, pela pesquisadora, entrevistas pessoais com um grupo composto por 15 jovens entre 14 e 17 anos e 18 idosos entre 65 e 75 anos que mantêm entre si relações familiares. Por meio das respostas obtidas, foi possível levantar dados que foram registrados, analisados e interpretados e utilizados para a obtenção da conclusão apresentada ao término do estudo.

---

[6] A ideia de juventude será discutida no primeiro capítulo de acordo com as diretrizes da ONU (Organização das Nações Unidas) e da perspectiva apontada por Camarano que defende a complexidade de "classificar" o jovem apenas pelo critério etário.

1. DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO: O AVANÇO TECNOLÓGICO, A GERAÇÃO MAIS VELHA E OS JOVENS DA ATUALIDADE

1.1 O AVANÇO TECNOLÓGICO: DO TELEFONE AO COMPUTADOR

A sociedade incorpora adaptações e mudanças através dos tempos, percebidas de maneiras diferentes entre as gerações que têm visões de mundo distintas. Atualmente se apresentam com mais frequência, em função da rápida evolução que caracteriza o contexto atual. Os avanços tecnológicos se mostram, ao mesmo tempo, como uma necessidade e um desafio para diferentes gerações da nossa sociedade. Enquanto para os mais jovens, que nasceram sob a ótica de uma sociedade informatizada e conectada, a tecnologia da informação é vista com naturalidade, para a geração mais velha aparece como um grande desafio, visto que os avanços tecnológicos se tornam uma necessidade para a inserção dessas pessoas na realidade cultural, principalmente em relação à comunicação pelo uso contínuo de aparelhos celulares e internet.

Assim, a fim de que se possa "conectar" avós e netos, pelas relações que estabelecem entre si e verificar se os instrumentos tecnológicos podem contribuir para a transmissão da herança cultural entre eles, faz-se necessário discutir brevemente acerca das gerações e da evolução dos meios de comunicação e as mudanças que provocaram na sociedade.

O mundo vive um contexto de transformações nas estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, que ocorrem em um ritmo cada vez mais acelerado. Esse cenário, desde o final do século XX, ocasionou novos interesses e necessidades e introduziu propostas de reorganização para a sociedade mundial, sendo considerado como um processo revolucionário, decorrente do avanço e desenvolvimento tecnológicos, que tem alterado todos os setores da sociedade.

Abordando a questão historicamente, de acordo com Fausto (2011), aproximadamente até o início do século XVIII, a agricultura constituía a principal atividade econômica mundial, não tendo inicialmente um caráter de comercialização, mas apenas de garantir a subsistência dos camponeses. Essa situação modificou-se quando, na segunda metade desse século, teve início um período denominado Revolução Industrial, movimento ocorrido na Europa nos séculos XVIII e XIX e que teve como principal particularidade a substituição do trabalho artesanal pelo assalariado e com o uso das máquinas.

Caracterizada pela multiplicação das manufaturas, com grandes transformações técnicas e econômicas, a Revolução Industrial provocou transformações, em especial o

desenvolvimento da ciência e a utilização de descobertas técno-científicas na indústria, com o intuito de aumentar a produtividade. Esse movimento gerou impacto inicialmente à sociedade inglesa, no período de 1760 a 1860 onde o aprimoramento das máquinas a vapor contribuiu para a continuação da Revolução. Mais tarde, no período de 1860 a 1900, expandiu-se para os países da Europa Ocidental, principalmente Alemanha, França e Itália, trazendo o emprego do aço, a utilização da energia elétrica e dos combustíveis derivados de petróleo, a invenção do motor a explosão e o desenvolvimento de produtos químicos que contribuíram para a formação da sociedade atual.

Com a Revolução Industrial, os trabalhadores que detinham o controle do processo produtivo perderam a posse da matéria-prima, do produto final e do lucro, passando a controlar máquinas que pertenciam aos donos dos meios de produção, os quais recebiam todos os lucros. O trabalho realizado com as máquinas ficou conhecido por maquinofatura. Esta expansão promoveu o aumento da disputa entre países industriais europeus para controlar ou colonizar determinadas regiões da América, África e Ásia, em busca de novos mercados consumidores para os produtos maquinofaturados e controle na produção de matéria-prima.

A indústria ganhou evidência quando o trabalho foi elevado a fator estruturante da organização econômica, política e social. O trabalho passou a ser o centro da sociedade de consumo, a partir da industrialização e das transformações provocadas pelo capitalismo no final do século passado. Entretanto, com o intuito de aumentar os lucros, a indústria recorre aos meios tecnológicos para cortar custos com vistas à economia de mão de obra, o que acaba por instaurar uma mudança na sociedade de trabalho levando a uma crise na sociedade salarial. Portanto, a globalização, tal como se processa no momento atual da história, é consequência da revolução tecnológica, sobretudo no que se refere ao desenvolvimento tecnológico da informação e comunicação, sobretudo a partir da década de 1970.

Para Langer (2009, p. 35),

> Gorz mostra como a revolução tecnológica foi vital para os interesses do capital. Este se apropria daquela para alavancar a continuidade e a exacerbação da concentração das riquezas e do poder, assim a revolução tecnológica atende aos dinamismos do capitalismo.

Diferentemente de grandes revoluções ao longo da história, tal como a Revolução Industrial do século XVIII, o que distingue a atual revolução tecnológica é a utilização das tecnologias da informação, processamento e comunicação.

Fleury (1990, p.25) define tecnologia como:

> ... um pacote de informações organizadas, de diferentes tipos (científicas, empíricas...), provenientes de várias fontes (descobertas científicas, patentes, livros, manuais, desenhos...), obtidas através de diferentes métodos (pesquisa, desenvolvimento, cópia, espionagem...), utilizados na produção de bens e serviços.

Para Castells (2000, p.67), o termo "tecnologia" é utilizado para designar "o uso de conhecimentos científicos para especificar as vias de se fazerem as coisas de uma maneira reproduzível". A revolução da tecnologia da informação produz impacto na sociedade contemporânea, pois não se restringe ao desenvolvimento econômico, mas interfere na forma de organização social. Cabe, nesse sentido, a reflexão desenvolvida por Juana Sancho que afirma que " a tecnologia é uma produção basicamente humana, entendendo aqui este termo no sentido de pertencente à espécie humana, próprio da mesma."(SANCHO, 1998, p.4)

A expansão mundial da economia trouxe como resultado o fenômeno hoje bastante conhecido por globalização que tem sido facilitada pelos avanços tecnológicos que ocorrem cada vez mais velozes em nosso século. A ciência tecnológica e a informação são peças fundamentais da vida humana na sociedade global. Como afirma Demo (2011), "Ocorre que as ferramentas tecnológicas estão se impondo veloz e compulsoriamente na nova geração, tornando-se parte do dia a dia."

Segundo Manuel Castells (2000), as sociedades são diretamente influenciadas pelos meios de comunicação e pelas tecnologias digitais. Os avanços tecnológicos têm apresentado à sociedade instrumentos de mudanças de comportamento e provocado transformações nas relações humanas, à medida que o domínio da informação permite aos indivíduos participarem ativamente do mundo globalizado.

Para Castells (2000, p. 69):

> o que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e o seu uso.

A ciência tecnológica e a informação são peças fundamentais da vida humana na sociedade global. No mundo contemporâneo, a mídia e as tecnologias da informação e da comunicação se transformaram em grandes facilitadores sociais. É difícil hoje em dia imaginar o mundo sem a utilização das facilidades fornecidas pelas telecomunicações. Nos

tempos atuais, os denominados sistemas digitais têm ganhado cada vez mais espaço entre as inovações tecnológicas. Grande parte dos instrumentos tecnológicos de hoje envolvem sistemas digitais, principalmente no caso dos computadores.

Segundo Castells, da mesma maneira como a revolução industrial utilizou tecnologia para estender a capacidade física de trabalho, a revolução tecnológica está ampliando as capacitações mentais do ser humano. A tecnologia alia, portanto, o conhecimento humano e seu sistema social às suas expectativas com o conhecimento técnico. Assim, o modo como cada sociedade administra sua produção influencia no seu desenvolvimento e, neste sentido, conhecimento e informação são elementos fundamentais para o desenvolvimento das sociedades contemporâneas, visto que determinam a forma como cada grupo relaciona-se com outros e negocia seu produto e seu conhecimento, interferindo na sua posição perante as demais sociedades e promovendo um desenvolvimento desigual no mundo.

Acerca da história das telecomunicações, Castells (2000) perpassa um conjunto de descobertas e experimentos que os homens de uma época, em diferentes partes do mundo, ousaram empreender. Após as descobertas realizadas pelo francês André-Marie Ampère (1775-1836), no ano de 1820, e da construção do primeiro eletroímã, surgiu uma nova dinâmica no desenvolvimento de novos meios de comunicação. Em 1837, o americano Samuel Finley Breese Morse (1791-1872) criava seu primeiro dispositivo telegráfico, em que sinais agrupados de modo adequado representavam as letras e mais tarde, em 1844, criou o Código Morse, um sistema binário de combinação de pontos e traços.

O primeiro registro mundial do telefone acontece em 1876, com Alexander Graham Bell e Elisha Gray. Gray, especialista em eletricidade e um dos fundadores da empresa de telégrafos dizia que usando frequências distintas seria possível transmitir entre 30 e 40 mensagens simultaneamente, através de uma única linha telegráfica, substituindo as inúmeras linhas existentes entre as cidades, com grande economia. Graham Bell desenvolveu, a partir de 1873 e 1874, experimentos que enviava notas musicais com o uso da eletricidade. Em 1876, a invenção do telefone com microfone de magneto-indutivo, por Alexander Graham Bell, veio revolucionar as telecomunicações. Quando dez anos mais tarde surgiu o microfone a carvão, estavam concretizados os princípios operacionais da transmissão telefônica que iriam prevalecer praticamente até a década de 1950 em todos os telefones.

No Brasil, de acordo com o histórico publicado no portal do Ministério das Comunicações, o primeiro telefone surgiu no Rio de Janeiro, no ano de 1879. O telefone contribuiu para encurtar distâncias, substituindo o papel que anteriormente era atribuído ao telégrafo. No Brasil, na década de 1950, a comunicação telefônica era estabelecida quase

sempre com o auxílio de telefonista que conectava manualmente dois assinantes ligados à mesa de operação por um par metálico.O serviço era prestado por operadoras de telecomunicações originárias de concessões e cuja distribuição se fazia indistintamente pelo governo. Em 1962, a Embratel foi instituída a fim de explorar as telecomunicações em âmbito internacional e interestadual.

A necessidade de se comunicar cada vez mais eminente deu origem a uma nova forma de telefonia: assim como recebemos sinais de TV e Rádio transmitidos em frequências, recebemos também sinais de voz em frequências substituindo o fio metálico. Dessa forma, é possível que esse sinal seja emitido a partir de veículos ou pessoas em movimento. Surge então a Telefonia Móvel Celular baseada na reutilização de frequências, onde uma determinada área de atendimento é dividida em células sendo que cada uma dispõe de um conjunto de frequências diferentes das vizinhas, de forma que células próximas possam valer-se da mesma frequência sem risco de interferência. Esse avanço melhorou significativamente a qualidade da comunicação e permite que os indivíduos se locomovam utilizando a tecnologia celular.

Segundo o estudo do Ministério das Comunicações, a telefonia móvel iniciou no Brasil no ano de 1972, por um sistema anterior à tecnologia celular, um sistema de baixa capacidade, implantado em Brasília, contando com apenas 150 terminais. A partir da década de 80, com a expansão do mercado, partiu-se para a segunda geração, com a telefonia celular digital, onde o sinal de voz é digitalizado. E, em 1984, deu-se início à análise de sistemas de tecnologia celular, sendo definido o padrão americano, analógico AMPS[7]. Em 1990, o Rio de Janeiro foi a primeira cidade brasileira a usar a Telefonia Móvel celular.

O avanço tecnológico permite que cada vez mais os aparelhos celulares se desenvolvam e tornem a comunicação mais eficiente. Com a possibilidade de visualizar imagens coloridas, apareceram os visores com quatro mil cores, evoluindo para 256 mil cores e atualmente chegam a 16 milhões de cores, um recurso fundamental em aparelhos de alta resolução. Os celulares oferecem**,** então**,** o recurso das mensagens multimídia com o objetivo inicial de enviar imagens para outros contatos**,** evoluindo para o envio de vídeos.

Enfim, a internet é disponibilizada nos aparelhos de telefonia móvel. Embora ainda não tivesse a mesma qualidade disponível nos computadores, a utilização da internet nos celulares impulsionou o avanço tecnológico na medida em que as operadoras foram implantando novos serviços e as fabricantes inovaram em funções nos aparelhos.

---

[7] Sigla utilizada para se referir à *Advanced Mobile Phone System*, ou Sistema Avançado de Telefonia Móvel que permitia somente a transmissão de voz.

Paralelamente ao desenvolvimento das máquinas de comunicação a longa distância, os computadores representaram um grande avanço no que diz respeito à tecnologia da comunicação. Alcântara Neto relata aspectos significativos sobre o impacto da tecnologia na vida dos brasileiros. Esse trajeto teve início durante a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945) e nos anos seguintes, quando foram realizadas as principais descobertas tecnológicas em eletrônica, com propósitos militares. O objetivo era de efetuar cálculos de artilharia e de comunicação, com a troca de informações entre países aliados e, ao mesmo tempo, na tentativa de interceptar e codificar, decodificar e interpretar a comunicação militar entre nações inimigas. A substituição dos circuitos mecânicos por circuitos eletrônicos e o cálculo digital substituindo o cálculo analógico, deu início à era da computação moderna. Os computadores projetados e construídos nesta época foram chamados computadores de "primeira geração".

Segundo o autor, o primeiro computador programável, finalizado em 1938, pelo engenheiro alemão Konrad Zuse (1910-1995), era baseado em relés eletrônicos e exibia os resultados em fita perfurada. Este computador foi destruído no bombardeio a Berlim, em dezembro de 1943, durante a Segunda Guerra Mundial.

Em 1942, John Vincent Atanasoff e Clifford Berry, na Universidade Estadual de Iowa, Estados Unidos da América (EUA) projetaram e construíram o primeiro computador eletrônico digital. Já em 1946, o Exército dos EUA anunciou o início das operações do primeiro computador elétrico digital eletrônico de grande escala. O objetivo era decifrar códigos de comunicação e realizar vários tipos de cálculos de artilharia.

De acordo com Alcântara Neto, a invenção do transistor, componente eletrônico utilizado principalmente como amplificador e interruptor de sinais elétricos, criado por Bardeen e Brattain em 1947, deu início à chamada "segunda geração" de computadores que dominaram o mercado nas décadas de 1950 e início de 1960. Assim, o transistor revolucionou a eletrônica, e permitiu uma grande redução no tamanho da máquina, tornando possíveis equipamentos cada vez menores e com menor consumo de energia.

Em 1952, Grace Hopper criou um programa que possibilitava transformar o código de um programa escrito em uma linguagem de programação, em linguagem de máquina. Isto gerou um código que pode ser executado, o código binário, um sistema de numeração formado por apenas dois algarismos: 0 e 1 e a combinação desses algarismos possibilitava a representação de diferentes códigos que possuem um determinado significado na linguagem da máquina.

Em abril de 1952, a IBM *(International Business Machines*) anunciou a construção do primeiro computador com programa armazenado, o IBM 701, inaugurando o conceito de memória, dispositivo que armazena internamente os dados processados, utilizando fita plástica, mais rápida que a metálica. Esse foi o primeiro computador científico a ser comercializado**,** sendo vendidas dezenove unidades no período de três anos.

Joseph Carl Robnett Licklider, físico, matemático e psicólogo norte-americano, em 1962, percebeu a importância do conceito de redes computadorizadas. Licklider escreveu os primeiros registros de interações sociais que poderiam ser feitas por meio de redes em vários memorandos. O referido pesquisador vislumbrou a possibilidade da interconexão de vários computadores que poderiam acessar dados e programas de qualquer local rapidamente.

A partir da década de 1970, as novas tecnologias difundiram-se amplamente, a partir da criação do comutador digital que aumentou a velocidade, potência e flexibilidade em comparação ao analógico. A tecnologia difundiu-se amplamente e na década de 1990, havia se alastrado principalmente no mercado asiático e latino americano.

Os anos de 1990 trouxeram o desenvolvimento tecnológico mais rápido da história, tornando popular e aperfeiçoando tecnologias inventadas na década de 1980, com o surgimento do *Processador Pentium da Intel*, a utilização do *Microsoft Windows*, e o crescimento da internet, devido à popularização relacionada à queda no custo de computadores e tecnologia.

Com o surgimento das redes corporativas baseadas em sistemas abertos, tornou-se possível a interligação das diversas tecnologias de redes de computadores e a integração das mesmas. A padronização proposta pelas redes corporativas permitiu a comunicação entre os diversos computadores.

Nos últimos anos do século XX, com o surgimento da nova economia globalizada, os governos e as instituições financeiras precisaram aumentar sua produtividade e lucratividade e, portanto, foi necessário procurar novos mercados e a internacionalização da produção. Esse movimento foi possível com o avanço das tecnologias da comunicação e da informação que possibilitaram o desenvolvimento da globalização econômica, realizando negócios em alta velocidade. Considerando essa abordagem, passou-se a viver em um mundo de informação, onde os avanços das tecnologias ampliaram possibilidades de relações de rede, encurtando distâncias, derrubando barreiras geográficas ou temporais. As redes de computadores tornaram-se mais comuns no cotidiano das pessoas.

Na sociedade atual, as redes voltam a se constituir em elementos estruturadores de territórios, de novas formas de agir, pensar, sentir. Percebe-se, portanto nas últimas décadas, o

nascimento de uma “sociedade em rede**”,** expressão utilizada por Manuel Castells (2000) que atribui à revolução tecnológica centrada em torno das tecnologias de informação, telecomunicação e transporte, o poder de integrar o mundo em redes, introduzindo uma ampla desestruturação e consequente necessidade de reorganização das organizações sociais. Essa ideia, segundo o autor**,** remete a uma interação dialética entre tecnologia e sociedade, na qual a sociedade utiliza a inovação tecnológica, e a tecnologia incorpora a sociedade, embora não a determine.

Para Castells, o setor da tecnologia da informação, especialmente com a ampliação da Internet, impulsiona um período de crescimento econômico com o aumento da produtividade, inovação tecnológica e da globalização com base em redes. O avanço tecnológico influencia diretamente na organização das sociedades**;** é preciso atentar para as diferenças sociais que esse processo promove. Com o capitalismo vigente, e sua incessante busca por lucros, a tecnologia passa a ser alvo das atenções de todo o mundo, pois proporciona acesso a essa sociedade globalizada e, portanto, abre a possibilidade de novos mercados consumidores e, com eles, a ampliação das atividades econômicas, sendo assim impulsionada com maior velocidade na atualidade.

À medida que a difusão da tecnologia permite aos usuários tornarem-se co-autores dos processos de desenvolvimento tecnológico, estabelece-se uma relação muito próxima entre ferramenta e processos a serem desenvolvidos, possibilitando a continuidade constante do ciclo de renovação e consequente ampliação da produção tecnológica.

Esse modelo de sociedade que se utiliza constantemente da tecnologia na vida cotidiana precisa de readaptação aos novos modelos de ferramentas disponíveis a partir do avanço tecnológico. Pertencentes a uma geração que se desenvolveu paralelamente ao surgimento de novas ferramentas, os indivíduos idosos precisaram se adaptar às mudanças ocorridas de maneira cada vez mais veloz**.** Os jovens que nasceram imersos em inovações constantes apresentam maior familiaridade com esses instrumentos. Assim, para compreender como os indivíduos se relacionam com as diferentes tecnologias, faz-se necessário compreender algumas características próprias de cada geração.

1.2 OS IDOSOS E O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Em razão do aumento da expectativa de vida, as pessoas idosas têm adquirido maior visibilidade na sociedade atual. De acordo com o Censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a "terceira idade" no Brasil cresceu cerca de onze vezes nos últimos 60 anos. Estima-se que, em 2025, serão 64 milhões e, em 2050, um em cada três brasileiros será idoso, indivíduo com 60 anos ou mais, e deverá representar quase 13% da população ao final desse período. O estudo aponta para o aumento da idade média da população como consequência do envelhecimento da estrutura etária, observado em nível nacional o que se repete em todas as grandes regiões do país.

Segundo o Censo realizado em 2010, o grupo populacional de 70 anos ou mais de idade que representava 2,3% da população total em 1980, passou em 2010, para 4,8% do total, um salto de 2.741.507 habitantes para 9.240.670 habitantes, segundo o Censo Demográfico 2010. Sendo "que, para 2010, dos 9.240.670 habitantes com mais de 70 anos de idade, 3.891.013 eram homens e 5.349.657, mulheres" (IBGE, 2012).

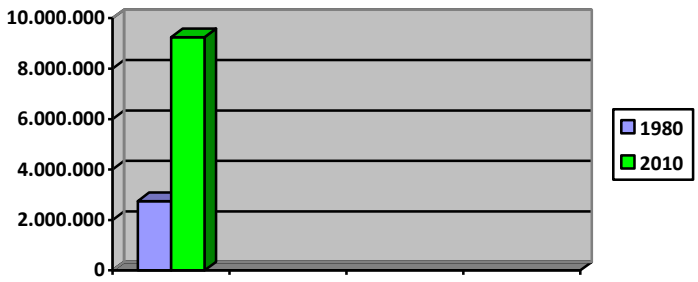

Figura 1 – Crescimento da população idosa no Brasil
Fonte: IBGE, 2012

A partir dos anos 1980, no Brasil, a combinação entre a redução dos níveis da fecundidade e da mortalidade teve como resultado uma população em processo de envelhecimento que se caracteriza pela redução da participação relativa de crianças e jovens, combinada do aumento proporcional dos adultos e dos idosos. A queda da mortalidade em todas as faixas etárias levou, inicialmente, ao aumento da expectativa de vida ao nascer e, a seguir, da expectativa de vida aos 60 anos. Segundo o Censo 2012, "em 2000, enquanto as crianças de 0 a 14 anos correspondiam a 30% da população total, o contingente com 65 anos

ou mais representava 5%. Em 2050, ambos os grupos etários terão participação em torno de 18% na população total.” (IBGE, 2012).

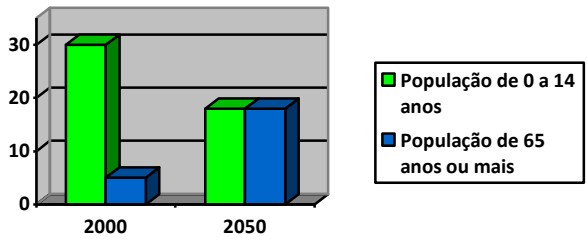

Figura 2 – Constituição da população brasileira por grupo etário para grupos de 100 pessoas (expectativa)
Fonte: IBGE, 2012

A população brasileira atualmente é, portanto, uma população mais envelhecida e essa característica vêm se ampliando gradativamente “em 2000, para cada grupo de 100 crianças de 0 a 14 anos, havia 18,3 idosos de 65 anos ou mais. Em 2050, a relação poderá ser de 100 para 105,6”. (IBGE, 2012). Essa característica implica na necessidade de promover o idoso a uma situação favorável em termos de qualidade de vida, já que a longevidade pode acarretar alterações nos aspectos biológico, físico, social e emocional do indivíduo como os quais não se estão acostumado a demonstrar preocupação.

Segundo estudos realizados pelo IBGE, em 1940, a vida média do brasileiro era de 45,5 anos. Após 40 anos, os avanços da medicina e as melhorias nas condições gerais de vida da população elevaram a expectativa de vida para 62,6 anos, em 1980. Já no ano 2000, esse índice atinge a média de 70,4 anos. Segundo a projeção, ao chegar ao ano 2050 o Brasil atingirá o patamar de 81,3 anos.

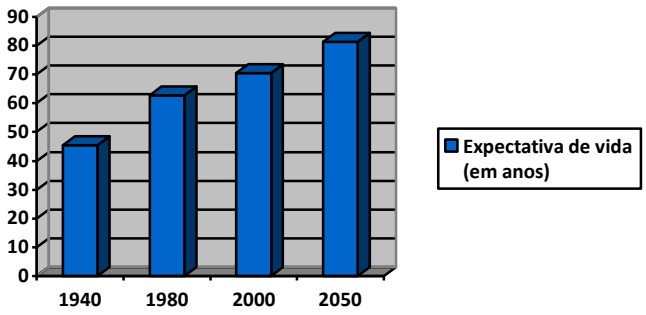

Figura 3 - Expectativa de vida da população brasileira

Fonte: IBGE, 2012

Para Paschoal (2000, p.17):

> esses anos vividos a mais podem ser anos de sofrimento para os indivíduos e suas famílias, anos marcados por doenças, declínio funcional, aumento da dependência, perda da autonomia, isolamento social e depressão. No entanto, se os indivíduos envelhecerem mantendo-se autônomos e independentes, a sobrevida aumentada poderá ser plena de significado.

Neste contexto, percebe-se a heterogeneidade desse grupo, já que a idade traz tradicionalmente vulnerabilidades, perdas de papéis sociais em função da retirada da atividade econômica e o aparecimento de novas funções. Essa constatação reforça a necessidade de valorização do idoso e a promoção de alternativas de inserção na sociedade, conferindo-lhe um lugar de autonomia e independência. O envelhecimento populacional no Brasil pode ser exemplificado por um aumento da participação da população maior que 60 anos no total da população, além de que a população mais idosa, ou seja, com 80 anos ou mais, está aumentando, o que vem levando a uma heterogeneidade do segmento populacional chamado idoso, inclusive com novas terminologias e conceitos, como “terceira idade” e “quarta idade” (CAMARANO, 1999).

Ao optar pelo uso da terminologia “idoso” é preciso considerar alguns aspectos de ordem biológica, histórica e social, já que se reconhece a existência de uma série de critérios para a elaboração de uma definição de “idoso”. Ao fazer referência ao indivíduo com 60 anos ou mais, utiliza-se a perspectiva definida pelo marco legal da Política Nacional do Idoso (Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994) e pelo Estatuto do Idoso (Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003) e o critério defendido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que considera idoso o individuo com 60 anos ou mais, se residente em países em desenvolvimento, e com 65 anos ou mais para as residentes em países desenvolvidos.

Considerando uma concepção “genealógica”, Schmidt e Doll (2009, p.4), afirmam que

> o termo geração toma o sentido de filiação, ou mais exatamente de grau de filiação (primeira, segunda, terceira geração…) a partir de um indivíduo tomado como origem. Designa um conjunto de pessoas que nasceram mais ou menos na mesma época e que têm em comum uma experiência histórica idêntica e/ou uma proximidade cultural.

Entretanto, além da utilização do critério unicamente cronológico, alguns autores consideram outros aspectos biológicos ou sociais como gênero, estilo de vida, nível sócio-econômico-cultural, para determinar o início do envelhecimento. Simone de Beauvoir (1990,

p.20), por exemplo, afirma que “a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural”.

Sendo assim, é reconhecida que a classificação etária não é a mais significativa em relação a esse grupo social, mas uma característica predominante possibilita determinar essa fase, característica essa que está relacionada ao crescimento, proporcional à idade, das suas vulnerabilidades físicas e mentais e a proximidade da morte. Devido em grande parte pelas diferentes trajetórias de vida experimentadas pelos idosos, eles têm inserções diferentes na vida social, o que torna o grupo de idosos heterogêneo tanto em termos etários como socioeconômicos. Para Lloyd-Sherlock, citado em Camarano (2002, p.9), é importante reconhecer que “os idosos não vivem isolados e o seu bem-estar está intimamente ligado ao da sociedade como um todo”.

Portanto, ao analisar o envelhecimento, é preciso considerar aspectos culturais, políticos e econômicos relativos a valores, preconceitos e sistemas simbólicos que pertencem à história das sociedades e que por ser um fato biológico e cultural, deve ser observado sob uma perspectiva histórica e socialmente contextualizada.

Entende-se que o envelhecimento é um processo pertencente à vida e que fatores sócio-culturais definem o olhar que a sociedade tem sobre os idosos e o tipo de relação que ela estabelece com esse segmento populacional. Essa perspectiva é reafirmada pelo depoimento de alguns idosos durante esse estudo, já que, ao serem questionados sobre o que é ser idoso, foi possível perceber a conotação, por vezes pejorativa, das expressões “velho”, “velhice”, “melhor idade”.

Para Camarano e Pasinato (2004, p.4),

> parte-se do princípio de que o envelhecimento de um indivíduo está associado a um processo biológico de declínio das capacidades físicas, relacionado a novas fragilidades psicológicas e comportamentais. Então, o estar saudável deixa de ser relacionado com a idade cronológica e passa a ser entendido como a capacidade do organismo de responder às necessidades da vida cotidiana, a capacidade e a motivação física e psicológica para continuar na busca de objetivos e novas conquistas pessoais e familiares.

Socialmente, o indivíduo é levado a desempenhar alguns papéis, tendo como referência as fases da vida que demarcam fronteiras e dizem respeito ao acesso às instituições educativas, ao mercado de trabalho e às políticas públicas. Essa marca determina o papel social do indivíduo na família e na sociedade, sugerindo o momento em que ele deverá ser introduzido no sistema escolar e no mercado produtivo e quando ele deverá ser substituído nas suas funções, deixando lugar para os mais jovens. Esse papel social, muitas vezes

determina o momento em que o indivíduo ingressa em determinada fase, como por exemplo, a entrada na instituição escolar, demarca o fim da fase de bebê ou ainda a aposentadoria que, para alguns, determina o início da velhice.

Reiterando a importância de serem considerados fatores sociais, biológicos, emocionais e culturais e reforçando a ideia de que a velhice é um processo e que, portanto, não pode ser meramente cronológica, Pasqualotti (2008, p.44) afirma:

> esse processo não é norteado por nenhum critério cronológico, pois o seu início seria definido pela vivência e maturidade alcançada pelo sujeito ao longo da sua vida, isto é, existem eventos individuais pertencentes à esfera biológica e às experiências emocionais e culturais que podem influenciar os rumos do envelhecimento. Em outras palavras pode ser considerado como um processo de mudanças universais pautado por eventos de natureza biopsicossocial. Os efeitos, o ritmo e a duração desse processo comportam diferenças individuais.

E ainda, segundo Schneider e Irigaray (2008, p. 586):

> o envelhecimento não é algo determinado pela idade cronológica, mas é consequência das experiências passadas, da forma como se vive e se administra a própria vida no presente e de expectativas futuras; é, portanto, uma integração entre as vivências pessoais e o contexto social e cultural em determinada época, e nele estão envolvidos diferentes aspectos: biológico, cronológico, psicológico e social.

A forma de conceber envelhecimento depende do contexto histórico, dos valores e do lugar que o idoso ocupa em uma determinada sociedade. A valorização ou exclusão do idoso serão determinantes para a forma como o indivíduo é visto por aquele grupo. Para Rodrigues (2006, p.10):

> a construção do significado da velhice é permeada por crenças, mitos, preconceitos, estereótipos que, nesta sociedade expressam-se por meio de representações depreciativas do fenômeno do envelhecimento e do sujeito que envelhece, definindo o seu lugar social.

Neste sentido, os avanços tecnológicos têm apresentado à sociedade instrumentos de mudanças do comportamento e provocado transformações nas relações humanas. As descobertas e inovações tecnológicas, especialmente as que promovem a comunicação como o computador e o celular e a necessidade de utilizar certos instrumentos tecnológicos, como os terminais bancários, trazem também alterações significativas em nossa vida, cada vez mais alterando nossos hábitos e padrões de comportamento.

O uso do computador, internet, fax, telefone celular, notebook e tantas outras modernidades tecnológicas tornam a população cada vez mais “dependente”, pois acostuma a

viver de tal modo que pensa ser impossível a vida sem elas. Essa evolução tem trazido uma série de benefícios para pessoas no mundo todo. Entretanto, para toda uma geração de milhões de brasileiros da chamada “terceira idade”, essa tecnologia muitas vezes representa um grande desafio principalmente para que os idosos possam se manter ativos, autônomos e independentes, para manutenção de sua autoestima e a consequente melhoria na qualidade de vida.

Portanto, nesta concepção de envelhecimento, a busca pelo aprendizado das novas tecnologias da comunicação e informação é necessária para o acesso do indivíduo da terceira idade na sociedade e autonomia nas situações cotidianas.

Frente a essa condição, pela primeira vez na história da humanidade os filhos têm mais conhecimento do que os pais e os avôs. Toda a tecnologia contemporânea está associada à juventude, conhecimentos diferentes do tipo de conhecimentos dominados pelos mais velhos. Medeiros (2004, p.188) ressalta que “os netos sabem mais do que os avós. Nas famílias, o lugar dos mais velhos, que sabiam mais “das coisas da vida”, foi sendo ocupado pelos mais jovens, que dominam o manejo de aparelhos e computadores com extrema destreza”.

Neste aspecto, entende-se que é pelas relações que se estabelecem entre os sujeitos que pode ocorrer a aprendizagem necessária para a inserção dos indivíduos no ambiente cultural. Se antes a questão de pertencimento de classe era fundamental nas relações de poder, atualmente a forma de acesso à tecnologia é um fator determinante para o modo como um sujeito pode vivenciar suas relações nos dias atuais.

1.3 A JUVENTUDE NA ATUALIDADE

Ao instituir em 1985, o Ano Internacional da Juventude, a Assembléia Geral da ONU (Organização das Nações Unidas) firmou as diretrizes para o planejamento e o acompanhamento das questões atinentes à juventude. Para fins estatísticos, determinou como jovens as pessoas entre os 15 e os 24 anos. Entretanto, a mesma Assembleia revelou, posteriormente, a preocupação de considerar que o sentido do termo juventude variava em todo o mundo, para além dessa parametrização estatística, e que as definições de juventude haviam mudado continuamente como resposta a flutuações das circunstâncias políticas, econômicas e socioculturais. Entende-se que os contextos sociais, econômicos, emocionais e culturais influenciam na forma como o indivíduo interage no mundo e desempenha os papeis que lhe atribuem. E o que se espera do jovem é diferente em famílias de classes sociais e culturais diferentes.

Da mesma forma, reconhece-se que as mudanças características nesta faixa etária ocorrem gradativamente e que somente um fato isolado, qual como a entrada para o mercado de trabalho, não é suficiente para determinar a passagem da adolescência para a juventude. E se, por um lado, a juventude é o momento que o indivíduo começa a ampliar suas responsabilidades e fazer escolhas em relação às diversas relações sociais que o cercam, por outro é um momento de transição, de diversas transformações biológicas e psicológicas. É a fase da vida em que constrói a sua personalidade de acordo com o contexto social, cultural e econômico em que está inserido.

Analisando os dados obtidos pelo IBGE a partir dos Censos Demográficos brasileiros é possível avaliar a evolução da população jovem brasileira, em especial entre 15 a 24 anos de idade. Em 1940, eram 8,2 milhões de jovens neste grupo etário, atingindo 18,5 milhões em 1970. Posteriormente, 1991 eram 28,6 e 1996 contavam com 31,1 milhões de pessoas de 15 a 24 anos de idade. No Censo realizado em 2010, a população brasileira já era de 34.236.064, sendo 16.990.872 jovens entre 15 a 19 anos e 17.245.192 jovens com idades ente 20 e 24 anos.

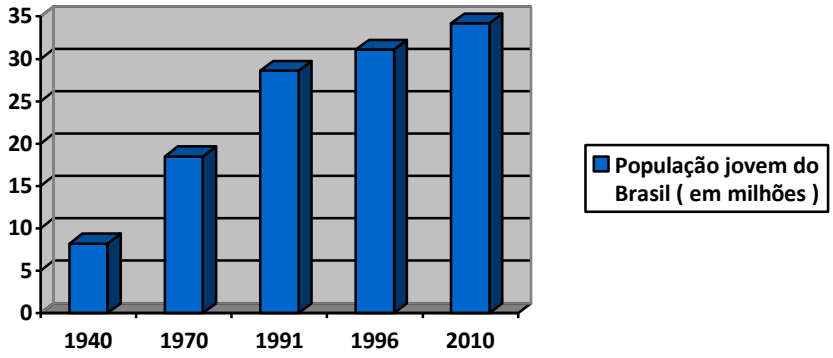

Figura 4 - Índices de crescimento da população jovem no Brasil (em milhões)
Fonte: IBGE, 2012

Observando esses valores, mesmo apresentando uma tendência de crescimento, pode-se compreender porque se diz que a população brasileira encontra-se mais envelhecida. Comparando ao grupo de idosos, a população juvenil apresenta um crescimento relativamente menor, explicado por diversos fatores como a expectativa de vida da população brasileira e a diminuição do número de filhos nas famílias, principalmente das classes A e B.

Segundo explicam Castro e Aquino (2008, p.25) citando Abramo,

> se há um componente geracional que permite definir a juventude pelo que há de específico à sua *condição*, é importante considerar que esta é vivida de forma diversificada e desigual entre os jovens de acordo com suas *situações* socioeconômicas específicas e com os padrões de discriminação e preconceito vigentes, que repercutem sobre as oportunidades efetivamente disponíveis a cada um.

De acordo com Camarano e Pasinato (2004), a complexidade de definir as características da juventude, torna visível a ambiguidade sobre a juventude já que a superação de certos limites de idade e o ingresso no mercado de trabalho não expressariam necessariamente a entrada no mundo adulto. Para as autoras, ao fazer referência ao jovem, é preciso levar em consideração a heterogênea realidade das sociedades complexas. Esse aspecto deve ser considerado no sentido de dar oportunidades ao jovem tornando reais, políticas públicas que promovam sua inserção e valorização social.

Para Castro e Aquino (2008, p.10)

> ... a "crise do emprego", que abateu as economias desenvolvidas na década de 1980 e atingiu o Brasil nos anos 1990, ameaçando a incorporação ao mercado de trabalho de grandes contingentes de jovens saídos da escola. Neste cenário de restrição das oportunidades de emprego – que afeta inclusive os trabalhadores já inseridos, desacreditando a estabilidade como marca fundamental da vida adulta –, duas grandes tendências se configuram entre os jovens. Aqueles de origem social privilegiada adiam a procura por uma colocação profissional e seguem dependendo financeiramente de suas famílias; com isso, ampliam a moratória social que lhes foi concedida, podendo, entre outras coisas, estender sua formação educacional, na perspectiva de conseguir uma inserção econômica mais favorável no futuro. Os demais, que se vêem constrangidos a trabalhar, em grande parte das vezes acabam se submetendo a empregos de qualidade ruim e mal remunerados, o que, em algum grau, também os mantêm dependentes de suas famílias, ainda que elas lidem com isto de forma precária.

O reconhecimento da ONU de que o termo juventude é variável em todo o mundo, avigora a ideia de Bourdieu, citado em Catani e Nogueira (1998), não se deve incidir no erro de falar de jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns e relacionar esses interesses meramente a uma faixa etária.[8]

---

[8] Bourdieu define o 'capital social' como o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis. (1998, p. 67) Para o autor, o capital social é relacionado, à um determinado grupo (rede social). Capital social, para Bourdieu, não se encontra nos indivíduos, mas ao contrário, encontra-se embutido nas relações sociais das pessoas que não se reduzem às relações objetivas de proximidade no espaço geográfico ou mesmo no espaço econômico e social.Para o autor cada membro do grupo encontra-se instituído como "guardião dos limites do grupo" já que definição dos critérios de ingresso ao grupo encontra-se transponível a cada novo membro que é incluído.

Essa ideia é reforçada ao observarmos que o termo juventude começou a ser categorizada no inicio do século XX, justamente por se tratar de uma categoria socialmente recentemente construída e que se manifesta de diferentes maneiras de acordo com o momento em que a sociedade passa.

Sendo assim, podemos pensar na juventude como um conceito que pode ser visto como uma construção social, sob a influência de fatores psicossociais, caracterizada pelas indefinições comuns a esse período e que deve ser analisada considerando-se um contexto social e um momento histórico. Para Castro e Aquino (2008, p.25) por isso "tornou-se usual empregar a expressão "juventudes" para enfatizar que, a despeito de constituírem um grupo etário que partilha várias experiências comuns, subsiste uma pluralidade de situações que confere diversidade às demandas e necessidades dos jovens".

Reforçando essa ideia, Urresti (2011, p.49) afirma:

> en sociedades como la nuestras, en las que la diversificación y autonomización de las esferas las vuelve cada vez más complejas, donde prácticamente se produce la coexistencia de distintas sociedades en el seno de una misma sociedad, aparecen múltiples posibilidades y ritmos de transición hacia la vida adulta, lo que va llevando a los partidarios de este planteo a hablar de juventudes en plural antes que de juventud: concretamente hablando, en sociedades fuertemente divididas en clases, habrá distintos tipos de maduración social, más o menos aceleradas según las presiones materiales que los diversos sectores padezcan, con importantes variaciones en lãs vías de transición a la adultez.

Segundo Janice Souza a juventude é marcada pelas indefinições e conflitos que tornam mais difíceis as escolhas e definições dos jovens. Pode-se considerar, segundo a autora que "ser jovem é viver um 'contato original' com a herança social e cultural, constituído não apenas por uma mudança social, mas por fatores biológicos" (SOUSA, 2006).

Partindo, portanto, do pressuposto de que não existe apenas uma juventude, mas uma multiplicidade delas há que se ponderar, além dos aspectos culturais e éticos, fenômenos como a democratização do acesso ao ensino e o acesso ao mundo das informações que contribuíram para a relevância da juventude como grupo socialmente constituído.

Neste sentido, a modernidade introduziu mudanças na forma como se concebem os indivíduos, na vivência da família e no relacionamento inter-geracional. A juventude que por muito tempo esteve reservada a um conjunto restrito de indivíduos, com tempo e espaço para a construção de si através das interações entre pares, passa a ter maior importância na formação da sociedade.

Para Castro e Aquino (2008, p. 87):

> ser jovem hoje reflete experiências diferentes das vivenciadas há alguns anos atrás. Até recentemente existiram expectativas estáveis com relação ao trabalho e aos padrões de legitimidade cultural que emolduravam as experiências e definiam a juventude. As condições atuais indicam direções diferenciadas, nas quais, além das dificuldades decorrentes das mudanças das condições do mercado de trabalho, convive-se com reconfigurações das redes de sociabilidade que se tornam cada vez mais heterogêneas e nas quais os espaços públicos se tornam recessivos, dificultando o reconhecimento de identidades e o estabelecimento de padrões de legitimidade cultural para as diferentes experiências vivenciadas pela juventude.

Assim sendo, não se pode classificar o jovem apenas pela faixa etária correspondente, mas, é preciso considerar o contexto de *espaçotempo* ao qual ele pertence. Embora aspectos fisiológicos do desenvolvimento do corpo e seu estado de maturação biológica medida a partir do início da puberdade sugira um estado psicossocial correspondente, a maneira como esse indivíduo interage com o meio social, influencia diretamente na sua maturidade e no papel que desempenha em determinado grupo. Essa perspectiva é defendida por Castro e Aquino (2008, p. 9), quando afirmam

> de outro lado, a juventude também foi tradicionalmente tematizada como fase transitória para a vida adulta, o que exigiria esforço coletivo – principalmente da família e da escola – no sentido de "preparar o jovem" para ser um adulto socialmente ajustado e produtivo. Tendo como referência central o conceito de socialização, esta abordagem sugere que a transição é demarcada por etapas sucessivamente organizadas que garantem a incorporação pelo jovem dos elementos socioculturais que caracterizam os papéis típicos do mundo adulto (trabalhador, chefe de família, pai e mãe, entre outros): à freqüência à escola se somaria, em primeiro lugar, a experimentação afetivo-sexual, que seria sucedida progressivamente pela entrada no mercado de trabalho, pela saída da casa dos pais, pela constituição de domicílio próprio, pelo casamento e pela parentalidade. Ao final deste processo, o jovem-adulto adentraria uma nova fase do ciclo da vida, cuja marca distintiva seria a estabilidade.

Na sociedade contemporânea, as possibilidades de interação cada vez mais ampla entre o grupo de iguais imprimem forte influência nos valores e crenças adquiridos na infância. Isso significa que, além da forte influência da família, primeiro grupo social ao qual o indivíduo faz parte, e dos relacionamentos inter-geracionais tradicionais, novos contatos intra-geracionais, entre pares são importantes para a formação do indivíduo, formando uma espécie de território exclusivo juvenil, com práticas, consumos e representações específicas.

Para Urresti (2011, p.46)

> el mundo de vida de los adolescentes es entonces un ámbito en el que se traban fuerzas socializadoras y subjetivadoras en pugna, donde el grupo de pares representa a la especificidad de los adolescentes en una confrontación con las fuerzas del mundo adulto. Estos grupos tienen características singulares y pueden orientar a sus miembros en direcciones muy diferentes según las apetencias y el clima impuesto en cada uno de ellos, por lo general dependiente de pactos informales sobre una microesfera de actitudes y valores compartidos que, al menos por un tiempo, son fielmente defendidos.

A família é a principal fonte de socialização do indivíduo, ao ensinar-lhe quais os padrões e normas culturais adequados que devem ser internalizados e reproduzidos em suas ações e relações sociais. A família dá legitimidade às normas e papéis sociais que a criança internalizará em seu crescimento. É a primeira instituição com a qual o indivíduo tem contato e serve de base para todas as outras. Lasch (1991) atribui à família como instituição, as funções de: perpetuar a espécie humana, cuidar dos mais velhos e inválidos, dar nome e status, socializar o indivíduo em relação aos padrões e normas sociais dominantes e dar segurança.

Das mudanças observadas no perfil da juventude atual, muito se pode creditar à facilidade de acesso à informação, grande parte devido aos avanços das tecnologias da informação e das comunicações (TIC) que vem ocorrendo em todo o mundo, embora com intensidade diferenciada em função do nível de desenvolvimento das sociedades ou de fatores culturais, sociais e políticos entre outros.

Sobre esse período afirma Urresti (2011, p.43)

> la transición adolescente y juvenil se desarrolla en el juego que se produce entre las instituciones propias del mundo adulto – como la familia,la escuela, los medios de comunicación – y las instituciones propias Del mundo de los jóvenes – donde se despliegan los grupos de pares, las culturas juveniles y más recientemente los ámbitos de encuentro e intercambio virtual surgidos de las tecnologías digitales de comunicación.

Nascidos sob a influência da revolução tecnológica, os jovens dessa geração apresentam características que advém da facilidade e da rapidez do acesso à informação. Observa-se uma juventude de maneira geral mais imediatista, pois tudo o que acontece é noticiado em tempo real, mas logo em seguida já é substituído por uma notícia mais recente o que acaba levando o jovem a deixar de dar valor às coisas rapidamente.

No Brasil, segundo estudo realizado em 2008 pelo IBGE, a utilização da Internet foi maior entre as pessoas mais jovens. O grupo de 15 a 17 anos de idade foi o que registrou o maior percentual (62,9%) de pessoas que acessou esta rede e, além disso, o que apontou maior aumento em relação a 2005 (33,7%). Os resultados encontrados neste estudo retrataram que o rendimento familiar, o nível de instrução e a idade apresentaram reflexos evidentes no acesso à Internet e na posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Quanto maior o grau de escolaridade e o rendimento familiar, maior o acesso do jovem ao mundo virtual.

O acesso fácil à internet e aos meios de comunicação instantânea também confere ao jovem a necessidade de comunicar-se constantemente. Entretanto, segundo estudo do escritor inglês Theodore Zeldin[9], é possível observar que muitos indivíduos dessa geração apresentam problemas de interação social, devido à falta de expressividade na comunicação verbal e à dificuldade de ser ouvinte. Os relacionamentos entre pares que acontecem nos ambientes virtuais têm características como uma linguagem própria e ausência de contato físico, e tendem, a serem mais rápidos e superficiais. Assim, é preciso estabelecer um novo meio de contato com esse jovem, a fim de que, com a maturidade e novas experiências sociais ele possa relacionar-se com o outro de maneira significativa.

As novas tecnologias de comunicação, de acordo com a sua utilização, poderiam afastar as pessoas de seus relacionamentos sociais; entretanto, podem ao mesmo tempo representar um importante instrumento de interação social já que a interconectividade existente no mundo virtual, tanto quanto no mundo real, exige de ambas as partes uma atenção individualizada e sintonizada com o outro. O homem é um ser social e neste sentido, a forma de se relacionar com o outro, real ou virtualmente, pode transformar e produzir culturas.

[9] Catedrático do St. Anthony's College, em Oxford, membro da Academia Européia e professor visitante em Harvard e na University of Southern California.

2. ENTRE OS JOVENS E OS IDOSOS

2.1 DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO: AS POSSIBILIDADES DE TRANSMISSÃO DA HERANÇA CULTURAL

Os seres humanos estão imersos em cultura e essa é uma das principais influências no seu desenvolvimento. Partindo deste princípio, cumpre-se considerar as ideias de Clifford Geertz (1989) para quem o estudo da cultura tem se desenvolvido com o objetivo de ordenar a complexidade intrínseca ao próprio conceito de homem. Entretanto, o próprio autor releva sua perspectiva disciplinar ao propor que, "a cultura não deve ser vista como um padrão concreto de comportamento – costumes, usos e tradições, e sim como um conjunto de mecanismo de controle – planos, receitas, regras e instruções... para governar o comportamento" (GEERTZ, 1989, p.56).

Para o autor, somente a estruturação genética não é suficiente para estruturar as ações humanas; sendo assim, é necessário que fatores externos à sua concepção genética delimitem o comportamento social. Ainda de acordo com Geertz, a cultura está intimamente ligada à construção mental de uma imagem de realidade no campo simbólico, fundamental para a orientação da ação do homem. É por meio da cultura que traços assimilados por meio do convívio social, ou seja, os costumes, hábitos, comportamentos e saberes são transmitidos de geração para geração.

Para as Ciências Sociais, o conceito de cultura remete ao conjunto de crenças, regras, manifestações artísticas, técnicas, tradições, ensinamentos e costumes produzidos e transmitidos no interior de uma sociedade. Segundo Kluckhohn (2005), cultura é a vida total de um povo, a herança social que o indivíduo recebe de seu grupo, ou pode ser considerada a parte do ambiente que o próprio homem criou.

Sob essa perspectiva, pode-se afirmar que a aquisição e a perpetuação da cultura é um processo social, resultante da aprendizagem e cada sociedade transmite às novas gerações o patrimônio cultural que recebeu de seus antepassados, o que leva a denominá-la de herança cultural.

Quando se refere à cultura como o "modo de vida de um grupo, constituindo e expressando o seu modo de sentir, pensar e agir", Edgar Morin (2001), reforça a ideia de cultura transdisciplinar, fruto do paradigma da complexidade, afirmando a necessidade de um pensamento complexo, em todas as sociedades e nas diversas áreas do saber, para que se

compreenda que o pensamento fragmentado, oriundo de uma única área do conhecimento, poderia gerar uma interpretação equivocada do próprio ser humano.

Seu pensamento é, portanto, pautado na ampla discussão entre os saberes, que compreende nas inúmeras relações, interações que se estabelecem ao longo na vivência na esfera social. O autor considera ainda, que, por sermos seres sociais, fazemos parte de uma sociedade que só pode se constituir pelas interações entre os indivíduos que somos. E afirma Morin (2001, p. 82) que "se não houvesse esta rotação entre indivíduos, nós seríamos apenas primatas de última linha, nós não poderíamos desenvolver nossas qualidades individuais". Assim, cada sociedade elabora sua própria cultura, recebe a influência de outras culturas e a perpetua ao longo da história. Não há sociedade sem cultura.

Seu pensamento é, portanto, pautado na ampla discussão entre os saberes, que compreende nas inúmeras relações, interações que se estabelecem ao longo na vivência na esfera social. O autor considera ainda, que, por sermos seres sociais, fazemos parte de uma sociedade que só pode se constituir pelas interações entre os indivíduos que somos. Segundo Morin (2001, p.56)

> a cultura é constituída pelo conjunto de saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas.

É por meio da educação que a cultura é disseminada e transmitida de geração a geração. Por isso é necessário abrir espaços dialógicos de trocas de experiências, de questionamentos, que promova reflexões a fim de que possam expressar ideias e pensamentos.

Para o estudo de geração, utiliza-se a perspectiva sociológica defendida por Mannheim (1967) que "ao invés de associar as gerações a um conceito de tempo externalizado e mecanicista, faz uma contraproposta diante da linearidade do fluxo temporal da história" e reflete sobre os jovens, os movimentos juvenis e a organização dos grupos, definidas por meio de normas e valores próprios da tradição cultural de uma determinada sociedade.

Sociólogo de origem húngara, Karl Mannheim (1893-1947) desenvolveu sua carreira na Alemanha. Faz uma leitura marxista a partir da sua formação inicial, mas ao longo da vida, acaba sendo influenciado por outras vertentes e defendendo que a revolução não é a melhor maneira de contribuir para a sociedade. Tendo como aporte o estudo da obra de Mannheim, realizado pela doutora em sociologia Wivian Weller (2010) e do doutor em filosofia Johannes

Doll (2012), é possível compreender a contribuição do trabalho do autor no que se refere à discussão sobre gerações.

Em sua obra ”O problema das gerações”, ensaio escrito em 1928, o autor desenvolve o conceito de gerações, revisando os enfoques teóricos a partir de duas concepções, dois ângulos distintos. A primeira refere-se a “vertente positivista’” presente no pensamento liberal francês que analisa a questão do “ser-humano” (*Mensch-Seins*) a partir da captação de dados quantitativos. O segundo trata do “pensamento histórico-romântico” encontrado predominantemente no pensamento alemão. Este pensamento prioriza a abordagem qualitativa. Esta abordagem é a preferida pelo autor que, ao invés de associar as gerações a um conceito de tempo externalizado e mecanicista, pautado por um princípio de linearidade, afirma que o pensamento histórico-romântico alemão se sustenta justamente por buscar no problema geracional um contraponto diante da linearidade do fluxo temporal da história.

Sob essa perspectiva Mannheim defende que a posição comum daqueles nascidos em um mesmo tempo cronológico não está dada pela possibilidade de presenciarem os mesmos acontecimentos ou vivenciarem experiências semelhantes, mas, sobretudo, de processarem esses acontecimentos ou experiências de forma semelhante.

Essa noção de vínculo geracional como fruto das experiências vividas na contemporaneidade é inspirada no conceito qualitativo de tempo de Dilthey (1833-1911), filósofo hermenêutico, psicólogo, historiador, sociólogo e pedagogo alemão. Com isso Mannheim chama a atenção para o fato de que diferentes grupos etários vivenciam tempos interiores diferentes em um mesmo período cronológico, o que seria traduzido mais tarde como “**não-contemporaneidade dos contemporâneos**” (*Ungleichzeitigkeit des Gleichzeitigen*) ou “não simultaneidade do simultâneo”.

Para desenvolver sua análise sociológica sobre o problema das gerações, Mannheim utiliza-se ainda do conceito “**enteléquia geracional**” considerada como os objetivos internos de uma geração ou de suas “metas íntimas”. Representa a expressão do sentimento, do significado da vida e do mundo de uma mesma geração, que estão relacionadas ao “espírito do tempo” (*Zeitgeist*) de uma determinada época ou ainda à sua desconstrução, uma vez que várias gerações estão trabalhando simultaneamente na formação do que viria a ser o “espírito do tempo”.

Mannheim defende que somente o pertencimento a uma geração não pode ser deduzido imediatamente das estruturas biológicas: "o problema sociológico das gerações começa somente onde a relevância sociológica desses dados prévios forem realçados".

Para o autor, é possível que indivíduos que não tenham laços biológicos, unam-se por meio do que ele denomina de "**conexão geracional**" levando à formação de um grupo onde a situação de classe e a situação geracional, apresentem aspectos similares de acordo com a posição ocupada por esses indivíduos no âmbito sócio-histórico. Reafirma também que o pertencimento a uma mesma geração não pode ser creditado apenas às estruturas biológicas ou temporais, mas à posição ocupada por cada um dos membros do grupo e a forma como interferem no processo histórico.

Segundo esse conceito não basta ao indivíduo apenas participar de uma comunidade constituída em torno de experiências comuns: é preciso estabelecer um vínculo de participação em uma prática coletiva, concreta ou virtual, o que leva ao que o autor denomina "**posição geracional**" representada pela posição específica ocupada pelos indivíduos no âmbito sócio-histórico, que leva a refletir sobre a forma como os membros interferem no processo histórico. Já as "**unidades geracionais**" representam em um contexto social idêntico, perspectivas, reações e posições políticas diferentes em relação a um mesmo problema dado, que faz surgirem diversidades nas ações dos sujeitos, ou ainda a adoção de estilos de vida distintos pelos indivíduos, mesmo vivendo em um mesmo meio social. Ou seja, a unidade geracional é a realização concreta da relação estabelecida pela conexão geracional, já que a forma como grupos de uma mesma conexão geracional lidam com os fatos sócio-históricos vividos por sua geração gerará diferentes unidades geracionais no âmbito da mesma conexão geracional, o que leva à ruptura da idéia de uma unidade de geração concreta e coesa.

Mannheim discute, portanto, as gerações a partir de suas relações com o meio social, não somente em distinção às outras gerações, mas também em relação aos aspectos em comum existentes entre os membros de uma conexão geracional. Isto implica em uma análise da conjuntura histórica, política e social e de como o conhecimento adquirido pelos indivíduos nos espaços sociais de experiências conjuntivas pode influenciar na composição desse grupo. A partir dessa perspectiva, a teoria mannheiniana mostra-se atual à medida que contribui para a reflexão da análise das relações sociais e geracionais sob uma ótica multidimensional.

Segundo Mannheim para que se possa determinar geração como fenômeno social, haverá necessariamente a transmissão da herança social e cultural de um segmento a outro. Sob a perspectiva do autor, o fenômeno das gerações é indispensável para o desenvolvimento da cultura, pois permite a transmissão cultural dos mais velhos aos mais jovens, e ao mesmo tempo, a vivência pelos mais jovens. Considera esse fenômeno essencial para aquele grupo

cultural que, certamente, será ressignificado a partir dos novos contatos entre gerações, que o autor determina de “contatos originais”.

Geração é um fenômeno mutável, e um dos fatores que assegura essa condição é a inserção de novos indivíduos ao grupo que, por meio da sua presença, permite a sua renovação. Para Mannheim (1928), citado em Weller (2010) “jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos, pode-se dizer, fazem parte da mesma geração”.

Abordando o aspecto da sociabilidade percebe-se que as culturas humanas são influenciadas pelo modo como o homem interage com o mundo, com outros seres humanos e com a natureza, por meio de elementos culturais materiais ou não, que promovem essa interação. Essa perspectiva defendida por Vygotsky (1984) e Luria (1990) reafirmam a importância da interação com o outro para a construção da subjetividade e, portanto da forma de ser humano, o que resulta no processo de sociabilidade. Luria reflete sobre como as culturas humanas são influenciadas pelo modo como o homem interage com o mundo, com outros seres humanos e com a natureza, por meio de elementos culturais constituídos socialmente. Já Vygotsky ressalta em suas pesquisas a importância da linguagem para a aquisição de conhecimentos na interação do sujeito com o meio.

Assim, reforça-se a necessidade de compreender as relações que se estabelecem entre os sujeitos, especialmente de diferentes gerações, como forma de preservação da herança social e cultural de um segmento a outro, visto que, como discutido anteriormente o fenômeno das gerações é indispensável para o desenvolvimento da cultura. A forma como interagem, como transmitem suas culturas, tanto dos mais velhos aos mais jovens quanto dos mais jovens para os mais velhos, dará novo significado aos seus hábitos, a partir dos contatos entre gerações.

Neste sentido a família, como instituição social, é espaço importante de interação e permite que diferentes indivíduos que têm entre si laços de afeto, relacionem-se de diversas maneiras e permite ainda, a transmissão cultural das vivências, dos costumes, das suas regras próprias entre seus membros. Esse cenário proporciona que os sujeitos estabeleçam papéis sociais e interajam entre si respeitando um acordo mútuo que possibilita o relacionamento social. Sob esse aspecto, torna-se importante refletir sobre a instituição familiar para o desenvolvimento dessa pesquisa pois a família representa por si só um espaço de interação, cujas relações podem ou não ser aprofundadas tendo como meio as inovações tecnológicas.

2.2. FAMÍLIA: ESPAÇO DE INTERAÇÃO

O envelhecimento populacional tem como uma de suas consequências a mudança na estrutura das famílias. Cada família tem características que a diferenciam das outras e que condicionam o modo como os seus membros vêm o mundo e as relações afetivas. Durante muito tempo, os hábitos e padrões de relacionamento transmitidos pelos pais constituíram o único modelo de referência para os filhos. Entretanto, com as mudanças observadas na organização familiar na contemporaneidade, com a formação de novas estruturas, os filhos foram sendo submetidos aos diferentes arranjos propostos, sendo necessário rever os papéis atribuídos a cada indivíduo no âmbito do relacionamento familiar e que podem resultar em combinações de diversas naturezas.

Segundo o IBGE, as alterações na composição das famílias brasileiras refletem as mudanças demográficas que a população experimentou nas últimas décadas, especificamente a queda da fecundidade e da mortalidade, além das transformações no mundo do trabalho e a ampliação da seguridade social.

Em todas as sociedades humanas, há a presença das instituições como órgãos propagadores de normas e valores socialmente compartilhados, que organizam e viabilizam a existência social. Neste sentido, a família representa uma instituição importante já que esta se constitui e se expressa em suas inter-relações entre indivíduos, em respeito às dimensões social, cultural, histórica e política. De acordo com Farina et al. (1997, p. 285) “as instituições são constituídas pelas regras formais e informais que condicionam o jogo social.”

Sob esse prisma podemos afirmar que sendo constituída de formas diferentes, em situações e tipos diferentes, a família não é algo natural, biológico, mas uma instituição criada pela humanidade em suas relações sociais que sempre esteve sujeita às influências da cultura e da história. A família constitui, portanto, uma estrutura social composta por um conjunto de posições, um conjunto de padrões, relacionados entre si, o que lhe confere as características de instituição.

Charon (2004, p.122) define instituição como “o modo estabelecido, tradicional, habitual, legítimo como uma sociedade cuida dos seus assuntos” e afirma que “algo se torna uma instituição quando é fundamental para a sociedade” o que legitima a família como uma instituição. Mesmo que se considerem as diferenças entre os grupos sociais e, a diversidade cultural existente entre os povos, as instituições ainda se fazem presentes como veículos normativos das atitudes, das opiniões, sendo guias práticos para as ações dos indivíduos nas suas relações sociais.

A família exerce uma função ideológica, promovendo também sua reprodução social, ensinando seus membros a se comportarem fora das relações familiares em diferentes situações. A família é o lugar onde se forma a estrutura psíquica, onde a experiência caracteriza-se, em primeiro lugar, por padrões emocionais na interação que se realiza entre pais e filhos, entre irmãos, entre avós e netos, sendo o espaço social onde as gerações se defrontam mútua e diretamente. É inegável a sua importância no que se refere às relações sociais, pois é nela que se forma nossa primeira identidade social, sendo a família a mediadora entre indivíduo e sociedade.

Para Charon (2004, p.123), "as instituições são padrões desenvolvidos para lidar com os problemas que se apresentam à sociedade e garantir a sua continuidade". Na sociologia, encontramos a distinção entre microinstituições, tais como paternidade, maternidade, casamento e macroinstituições como família, igreja, o Estado; mas o que permeia todas essas instituições é a regulação, o roteiro de ação para a interação social entre os indivíduos.

Na sociedade contemporânea, percebe-se que o próprio conceito de família merece uma reflexão, diante do impacto observado pelas mudanças sociais que aconteceram ao longo da metade do século XX e que influencia o cotidiano das relações interpessoais, em especial no âmbito da família. Neste sentido, faz-se necessário compreender as mudanças acontecidas que levam à reflexão do seu conceito, uma vez que a instituição familiar historicamente possui um papel primordial na constituição da sociedade.

O termo família remete a um grupo de pessoas normalmente ligado por relações de afeto ou parentesco. A palavra deriva do latino "famulus" que significa doméstico, servidores ou escravos. Segundo a Declaração dos Direitos Humanos, a família é o elemento natural da sociedade e tem direito à proteção da própria sociedade e do Estado. É considerada responsável por promover a educação dos filhos e influenciar o comportamento dos mesmos no meio social.

A família tem papel importante no desenvolvimento de cada indivíduo já que são transmitidos os valores morais e sociais que servirão de base para o processo de socialização da criança, bem como as tradições e os costumes perpetuados através de gerações. Acredita-se que a família ainda é a instituição social onde as relações interpessoais são mais intensas, sendo capaz de promover a reflexão e a reelaboração de formas de agir dos indivíduos frente à sociedade.

Os papeis familiares no mundo atual foram modificados, dada a complexidade de situações criadas por fatores socioculturais e econômicos que afetaram diretamente a dinâmica familiar. O contexto social e econômico, em especial, vem influenciando na

alteração da composição e recomposição da família moderna. Entre os novos arranjos familiares está a família ampliada que agrega pessoas que não aquelas do primeiro núcleo familiar (pais e filhos), como também a diluição das famílias nucleares. Atualmente, com certa frequência, são encontradas famílias que contam com a co-habitação dos idosos.

Segundo o Censo 2010, frente ao aumento da expectativa de vida, as famílias também envelheceram, o que pode ser observado pelo aumento da proporção das famílias com idosos. A nova situação favorece a convivência de várias gerações, que se ajudam na busca do alcance do bem-estar coletivo, constituindo um espaço de "conflito cooperativo" onde se cruzam as diferenças por gênero e intergeracionais. Neste sentido, a ampliação das famílias e as relações intergeracionais que se estabelecem podem ser importantes para beneficiar tanto as gerações mais novas como as mais velhas, já que as relações de troca e ajuda mútua entre as diferentes gerações são o principal fator que tem assegurado, ao longo da história, a sobrevivência da família. Sendo assim, é reforçada a ideia de que experiências e valores, bem como suporte financeiro e emocional, estão sendo compartilhados entre várias gerações, destacando as relações entre netos e avós. Neste sentido, as trocas intergeracionais podem funcionar como importante elemento de valorização do idoso nas sociedades.

Rodrigues (2006, p.16) afirma que:

> a presença do idoso na família pode ter muito a contribuir para o grupo, uma vez que ele, além de ter uma história pessoal a oferecer ao ambiente, representa ainda a história da estrutura familiar em si. São eles, os transmissores de crenças, valores que contribuem para a formação de indivíduos conscientes de suas raízes ajudando a construir seus referenciais sociais. Os idosos representam na verdade, a memória da família, do grupo, da instituição e da sociedade.

A família representa uma possibilidade de assegurar a continuidade da sociedade já que, enquanto instituição social funciona como uma estrutura que supõe padrões que visam garantir a cooperação e a ordem. As instituições protegem, legitimam decisões, dão padrões para a resolução de conflitos e procuram atender às necessidades básicas dos indivíduos que pertencem àquele determinado grupo.

Entretanto, ao mesmo tempo em que pertence a um grupo social com valores, regras e características próprias, cada ser humano constrói a sua própria identidade na interação com o meio. Vygotsky (1984) enfatiza a dialética entre o indivíduo e a sociedade, o intenso efeito da interação social, da linguagem e da cultura sobre o processo de aquisição do conhecimento. Sob essa perspectiva, considera-se importante entender como esse sujeito se forma, como constrói a sua subjetividade e individualidade, como cada experiência influencia em sua

constituição e como se torna um ser social a fim de compreender como esse indivíduo interage com o outro e que aspectos interferem nesta relação. Neste sentido, busca-se compreender como o indivíduo se constitui e como se relaciona socialmente a fim de relacionar-se e interagir com o outro, parte de um mesmo grupo social.

2.3 CONSTITUINDO-SE COMO INDIVÍDUO PARA RELACIONAR-SE COM O OUTRO

A realidade da vida cotidiana é partilhada com os outros. O ser humano nasce, vive e morre em uma sociedade que existia antes do seu nascimento e continuará a existir após a sua morte. Segundo a sociologia, alguns aspectos caracterizam o ser humano como um ser social, conforme descrito por Charon (2004, p.26):

> desde o nascimento dependemos de outros para sobreviver, aprendemos com outros a sobreviver, passamos a vida inteira na organização social, muitas qualidades humanas dependem da vida social, muitas de nossas qualidades individuais dependem de interação, os seres humanos são atores sociais.

O que forma o caráter humano nos indivíduos da espécie humana é a convivência em grupo; é a sociabilidade que o capacita naturalmente para a convivência em sociedade, E, é por meio da socialização que a espécie humana se integra entre si e ao grupo em que nasceu, absorvendo o conjunto de hábitos, costumes e regras característicos de seu grupo. A subjetividade é, portanto, uma construção que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro. Neste caso, o outro pode ser compreendido como o outro social, mas também como a natureza, os acontecimentos, as invenções, enfim, aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver. Senso assim, é importante compreender como o indivíduo se constitui e quais são os aspectos determinantes na construção da sua identidade, para entender como cada indivíduo afeta e é afetado pelo contexto social.

2.3.1 Subjetividade e sociabilidade

Desde a idade primitiva até os tempos atuais, como forma de assegurar sua sobrevivência e a satisfação das suas próprias necessidades, os homens criaram formas de interagir para que pudessem se relacionar entre si, o que acontece da forma mais complexa possível, com a produção de sociedades, valores e costumes. Assim, aspectos sociais passam a interferir tanto quanto fatores biológicos na construção social, com suas repercussões na

subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno, entendendo como subjetividade, sob a luz da psicologia, a forma de ser individual de cada um.

Esta é construída na medida em que o indivíduo vai se constituindo pela vivência de experiências da vida social e cultural. Entretanto, ao mesmo tempo em que cada ser humano é único, pode se reconhecer e se igualar à medida que os elementos que constituem a subjetividade são vividos no campo comum da objetividade social. Para Pasqualotti (2008, p. 40) "a subjetividade de um sujeito é uma característica construída socialmente – embora não seja determinada pela sociedade – visto que como partícipes da sociedade os sujeitos são co-construtores de ideias e conceitos". Gonzalez Rey (1999) diz que a subjetividade é um processo do indivíduo como sujeito psicológico concreto[10]. Sobre a relação entre cultura e a constituição da subjetividade para a psicologia, Crochik (1998) afirma:

> a cultura é meio para a individuação. Esta só pode ocorrer através de um projeto coletivo que permita a diferenciação. Por isso, a função da formação cultural é a de socializar para individuar. Dito de outra maneira, a formação deve se destinar à diferenciação do indivíduo em relação ao seu meio, com o qual se vê confundido por ocasião de seu nascimento. A subjetividade assim define-se por um terreno interno que se opõe ao mundo externo, mas que só pode surgir deste. Sem a formação do indivíduo, este se confunde com o seu meio social e natural. Tal subjetividade se desenvolve pela interiorização da cultura, que permite expressar os anseios individuais e criticar a própria cultura que permitiu a sua formação.

Essa perspectiva reafirma a importância da interação com o outro para a construção da subjetividade e, portanto, da forma de ser humano, o que resulta no processo de sociabilidade.

Para Alfred Schutz (1979) citado em Araujo (2009, p.2) a sociabilidade está relacionada a atos comunicativos entre um "eu" que se volta aos outros e os apreende como pessoas. Esse processo se dá a partir da percepção do outro enquanto um corpo no espaço que compartilha um ambiente comunicativo comum. Portanto, podemos afirmar que sociabilidade é a imagem, as características comportamentais, habilidades, é aquilo que cada um representa para as outras pessoas. E ainda, aquilo que é construído a partir das relações estabelecidas com o outro, que sofre a influência e ao mesmo tempo, que influencia o outro. São as afinidades ou interesses momentâneos em comum que fazem com que se reúnam.

A cultura fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade, ou seja, o universo de significações que permite construir a interpretação do mundo real. O uso da linguagem como instrumento de pensamento e de interação supõe um processo de internalização da linguagem, ou seja, falar requer apropriar-se do significado e do sentido

[10] Grifo nosso

atribuído àquela palavra no processo de construção de significados pelos indivíduos. Sendo assim, pode-se afirmar que a linguagem gera interação e a conversa suscita a sociabilidade. Portanto, para que as transmissões educativas e os valores se perpetuem de uma geração à outra, como também o legado cultural não se perca, é fundamental que ocorram trocas significativas por meio das interações que se estabelecem, interações essas que podem ser ainda mais importantes se realizadas entre indivíduos de diferentes gerações.

2.3.2 A interação na construção das novas relações

O homem é um ser social, produto da vida em sociedade e da apropriação da cultura. Embora aspectos biológicos precisem ser considerados, visto que a essência sócio-cultural só se efetiva a partir das características biológicas que dão unidade e tornam os indivíduos pertencentes à espécie humana, foram necessárias muitas mudanças evolutivas para que os homens primitivos pudessem transformar-se verdadeiramente em sociedade humana. Ou seja, é por meio das relações que estabelecem com o meio social e natural é que seres humanos se tornam únicos; e é pela interação com o outro que se constrói a subjetividade. Percebe-se que a forma de ser individual de cada um e a possibilidade de abertura e de interlocução entre as gerações é um espaço importante para a construção do indivíduo.

Para Charon (2004, p.46):

> a ação social é importante para o que somos. Vivemos em torno de outras pessoas, e estas acabam por influenciar nossos atos, porque em geral temos que considerá-las[...] Atuamos de modo diferente dependendo de para quem estamos atuando no momento... Ação social portanto, significa que nós, seres humanos, nos ajustamos de situação para situação[...]

Ainda segundo o autor, a ação social mútua, ou seja, o papel social que desempenhamos em parceria com o outro pode ser chamado de interação social, na qual cada pessoa pode, ao mesmo tempo, ser sujeito e objeto, já que “a presença e as ações de cada um, tem importância para as ações das demais” (CHARON, 2004, p.46). Para o sociólogo, “a interação é fundamental para a vida humana. Ela influencia o que todos nós fazemos, o que nos tornamos e o desenvolvimento dos padrões sociais que se tornam a base de nossa vida organizada” (CHARON, 2004, p.48).

Neste sentido, pode-se ampliar esse pensamento utilizando a perspectiva defendida por Luria, para refletir sobre como as culturas humanas são influenciadas pelo modo como o homem se relaciona com o outro, com o mundo e com a natureza, utilizando-se de elementos

culturais significados socialmente. Vive-se num contexto social que separa os indivíduos em gerações que possuem visões de mundo distintas. A evolução que caracteriza o contexto atual promove mudanças e adaptações através dos tempos. Neste contexto, a interação entre pessoas de diferentes gerações pode ser estimulada com a perspectiva de um enriquecimento mútuo, através da troca de conhecimentos e da abertura para o diálogo intergeracional, que considera o diferente, como agregador, não como algo ameaçador.

Assim, pretende-se apresentar algumas reflexões desses autores, a fim de explicitar características do desenvolvimento humano em sua constituição sócio-histórica que podem promover as relações entre indivíduos sob a perspectiva da interação, a complexidade das relações entre jovens e idosos no processo de coeducação entre as gerações.

Marcado pelo clima de idealismo pós-revolucionário, Alexander Romanovich Luria[11] (1902-1977) dedicou-se a refletir sobre essa nova sociedade que se formava acreditando que "o homem é um ser histórico, que se constrói através de suas relações com o mundo social e natural" e que "a sociedade humana é uma totalidade em constante transformação... um sistema dinâmico e contraditório, que precisa ser compreendido como processo em mudança, em desenvolvimento" (Oliveira, 1993, p.28). Influenciado pelas ideias presentes no materialismo histórico e dialético, predominantes na então União Soviética pós-revolucionária, defendidas principalmente por Friedrich Engels (1820-1895) e Karl Marx (1818-1883), desenvolveu suas teorias discutindo acerca da compreensão das características do homem, por meio do estudo da origem e desenvolvimento da espécie humana, com base no trabalho e na formação da sociedade como condição para a diferenciação entre a espécie humana e demais espécies. Como forma de assegurar sua sobrevivência e a satisfação das suas próprias necessidades, os homens criaram formas de interagir para que pudessem se relacionar entre si, o que acontece da forma mais complexa possível, com a produção de sociedades, valores e costumes. Embora o vasto trabalho desse autor traga contribuições valiosas, não é possível neste momento abarcar todas as suas ideias, sendo que devido à natureza desse estudo faz-se a opção por refletir sobre alguns conceitos que podem influenciar diretamente na interação intergeracional.

[11] Psicólogo russo, Luria (1902-1977) especialista em psicologia do desenvolvimento dedicou-se a estudar a construção das funções psicológicas relacionadas ao sistema nervoso central. Para ele, qualquer forma de atividade psicológica é um sistema complexo que envolve a operação simultânea de três unidades funcionais: unidade para regulação da atividade cerebral e estado de vigília, unidade de recebimento, análise e armazenamento de informações e unidade para programação, regulação e controle da atividade.

Para Alexander Luria é na relação entre homem e meio físico e social, mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos no decurso da vida social, que o ser humano produz e transforma seus modos de ação no mundo.

Oliveira (1993, p. 84) citando as ideias de Luria,

> as funções mentais não podem ser localizadas em pontos específicos do cérebro[...] são sim organizadas a partir da ação de diversos elementos que atuam de forma articulada, cada um desempenhando um papel naquilo que se constitui como um sistema funcional complexo.

Neste sentido, todas as tarefas aparentemente simples, realizadas pelo ser humano no cotidiano, inclusive para a sua sobrevivência, como se alimentar ou respirar, são resultado de uma complexa combinação de atividades desempenhadas por diferentes áreas do cérebro humano, utilizando por vezes, componentes diferentes de acordo com a situação. Para o neuropsicólogo, é possível obter um mesmo resultado em um determinado processo, utilizando a combinação de diferentes componentes do cérebro ou de rotas. Essa concepção da "organização cerebral tendo por base os sistemas funcionais supõe uma organização básica do cérebro humano, que resulta da evolução da espécie." (LURIA apud OLIVEIRA, 1993, p.85)

Pode-se afirmar, segundo os estudos de Luria, que as tarefas relacionadas às relações do indivíduo com o meio sociocultural, como a linguagem, por exemplo, exigem um sistema funcional ainda mais complexo do que as tarefas ligadas ao funcionamento psicológico básico, o que permite concluir que há uma ligação entre o desempenho de tarefas associadas ao funcionamento mental, chamadas de funções superiores e a inserção do indivíduo num determinado contexto social, histórico e cultural.

Luria dedicou-se a estudar a influência do meio na construção dos processos psicológicos superiores, a fim de esclarecer <u>como os diferentes contextos culturais ou as transformações sociais interferem na maneira como os indivíduos realizam determinados processos mentais</u>[12]. Seu trabalho "Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais" (LURIA, 1990) é fruto de entrevistas realizadas com adultos, na sua maioria não alfabetizados, de vilarejos e terras de pastoreio das regiões do Uzbequistão e Kirghizia, nos anos de 1931 a 1932. Essas comunidades passavam por um período de transformações radicais, como a implantação de fazendas coletivas, a mecanização da agricultura e a escolarização da população levando às transformações sociais, o que representou uma possibilidade para a busca de sustentação empírica para a tese de que os processos mentais

[12] Grifo nosso.

são originalmente histórico-culturais. Concluiu que, a estrutura dos processos mentais e as relações entre os vários sistemas funcionais transformam-se ao longo do desenvolvimento individual e que, a estrutura do pensamento depende das atividades dominantes em diferentes culturas. Ou seja, quanto mais necessário for para aquele determinado indivíduo, em uma determinada sociedade, realizar alguma tarefa específica, em função do grupo social e do trabalho que desempenha, mais o cérebro irá se especializar na resolução de alguns processos mentais.

O estudo de Luria salienta, portanto, a importância da interação do ser humano com o meio na construção dos processos mentais superiores, a fim de que possa relacionar-se socialmente. As relações entre as diferenças no modo de funcionamento intelectual, a apropriação de novos processos mentais, as modificações no modo de vida e as relações de trabalho que envolve o planejamento de ações, a tomada de decisões, o desenvolvimento de processos criativos em busca da adaptabilidade e a transformação do interesse particular em busca do bem comum são aspectos que reforçam a relação entre contextos culturais e processos psicológicos superiores.

Luria traz luz a essa pesquisa à medida que procura esclarecer a importância das transformações sociais e a interferência que elas produzem em determinados contextos culturais interferindo na maneira como os indivíduos realizam determinados processos mentais. Refletindo sobre os avanços dos meios de comunicação e a maneira como impulsionaram as modificações na sociedade atual, é possível reconhecer que foi necessária uma readaptação do ser humano para se apropriar dessas novas tecnologias. Esse procedimento advém da condição humana de se adaptar às mudanças transformando seus processos mentais a fim de assegurar uma condição de integração ao novo contexto social.

3. A COMUNICAÇÃO NA VIDA COTIDIANA

3.1 LÍNGUA E LINGUAGEM

Língua, linguagem e cultura são conceitos distintos que se implicam mutuamente. Autores de diferentes abordagens contribuem de maneira importante para a compreensão das relações entre língua, cultura e sociedade. Essas teorias linguísticas podem colaborar significativamente para auxiliar na compreensão das inter-relações entre cultura, comunicação e linguagem. Sem a pretensão de analisar detalhadamente cada teoria com a profundidade que merece, ressaltam-se alguns conceitos significativos desenvolvidos por Saussure, Bakhtin e Vygotsky**,** a fim de possibilitar a compreensão da importância desses mecanismos de comunicação para a interação humana.

Ferdinand de Saussure (1857-1913), no início do século XX**,** inaugura a Linguística Moderna, e traz como aspecto mais importante de seu estudo justamente a definição da língua como objeto da Linguística. Saussure afirma que a linguística é constituída por todas as manifestações da linguagem humana, mas faz uma diferenciação importante dentro da própria linguagem. Saussure é uma referência importante para a diferenciação de língua, fala e linguagem. Ao definir a língua como fato social, devido à influência de Émile Durkheim, o autor situa a "dimensão linguageira" no seio das relações sociais e como fundadora do próprio convívio social.

O autor refere-se à língua como aspecto social e à fala como ato individual. Essa distinção é retratada pelos termos *langue* e *parole*, nos quais a língua *(langue)* é sistema de signos interiorizado culturalmente pelos sujeitos falantes, ao passo que a fala *(parole)* se refere ao ato individual de escolha das palavras para a enunciação do que se deseja. A soma de ambas resulta na linguagem. O sistema de signos a que Saussure denomina **"**língua**"** é também destacado como um sistema cujas partes devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica. A língua é, portanto, somente uma parte determinada, singular da linguagem. É "produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para possibilitar o exercício de tal faculdade pelos indivíduos" (SAUSSURE, 1970, p. 380), ou seja**,** um instrumento que possibilita o exercício pelos indivíduos.

Para Saussure (1970, p.23), a língua é um sistema de signos linguísticos, no qual, "de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas". É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem

e um conjunto de convenções necessárias, adquiridas pela estrutura social para dar acesso ao exercício dessa faculdade nos indivíduos. Para Saussure**,** a linguagem é social e individual; psíquica; psico-fisiológica e física pertence, portanto ao domínio individual e social.

Linguagem é, portanto**,** a fusão de língua e fala, é uma faculdade humana e a língua é um exercício social dessa faculdade dos homens. Para o autor**,** os sujeitos, individualmente, não podem criar uma língua, ou mesmo alterar uma já existente, já que a língua é um fato social. "Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade" (SAUSSURE, 1970, p. 22).

O filósofo e pensador russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin[13] (1895–1975), propõe que o signo reflete e refrata a realidade material; isto é, a realidade objetiva é convertida em signos e passa a refratar outra realidade, a realidade histórica e ideológica. Para o autor**,** a linguagem representa não apenas um sistema autônomo, mas um constante processo de interação mediado pelo diálogo. Segundo Bakhtin (1992)**,** não conhecemos a língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam. Sendo assim, a língua só existe em função da relação que se estabelece entre locutores (quem fala ou escreve) e interlocutores (quem lê ou escuta) em situações de comunicação. Assim, a língua se constitui em discurso, lugar de encontro entre as estruturas linguísticas e as estruturas históricas.

Se, para Saussure, um signo é uma relação entre um significante (um som, uma imagem acústica ou um grafema) e um significado (um conceito), para Bakhtin, o significado é uma impossibilidade teórica. Um signo, aceitando-o provisoriamente, não tem um significado, mas receberá tantas significações quantas forem as situações reais em que venha a ser usado por usuários social e historicamente localizados. Em uso, a língua é muito diferente do seu modelo teórico. Para a linguística**,** um signo tem um significado. Entretanto**,** reconhece-se que, ao falar, o ser humano interfere constantemente nos significados codificados pela língua.

Bakhtin revela em seus estudos conceitos que podem colaborar com essa perspectiva de diferenças de uso das linguagens em função do contexto. Neste sentido, o autor traz as

[13] Bakhtin faz algumas contraposições sobre a teoria saussureana no que se refere à língua exclusivamente enquanto sistema de regras. Bakhtin concorda com Saussure que a língua é um fato social fundada na necessidade de comunicação e acredita que todas as esferas da atividade humana, em suas variadas formas, estão sempre relacionadas com a utilização da língua.

ideias de *esfera de atividade* e de *circulação de discursos*. Para Bakhtin**,** as esferas de atividade social e de circulação de discursos, meios por onde se circula na vida cotidiana, tais como: doméstica e familiar, escolar, religiosa, do trabalho, entre outras, entrelaçam-se constantemente, pautando as posições, deveres, direitos e discursos em cada uma delas. Segundo o autor, cada um desses contextos da vida humana suscita também uma esfera de utilização da língua, *gênero discursivo,* como afirma "cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros de discurso" (BAKHTIN, 1992, p. 279).

Lev Semenovich Vygotsky[14] (1984) ressalta a ideia de língua como expressão do pensamento. A língua que é falada no cotidiano tem o papel de externalizar crenças, valores, objetivos, enfim**,** tudo aquilo que perpassa o interior do ser humano e de um determinado grupo. O autor explicou a contribuição histórica e social para o desenvolvimento humano no processo de apropriação da cultura mediante a comunicação com outras pessoas. O desenvolvimento humano, sua origem e os processos psicológicos ao longo da história da espécie humana, o aprendizado e as relações entre eles são aspectos essenciais da teoria histórico-social. Atento à "natureza social" do ser humano, que desde o berço vive rodeado por seus pares em um ambiente impregnado pela cultura, Vygotsky defendeu que o próprio desenvolvimento da inteligência é produto dessa convivência. Para ele, "na ausência do outro, o homem não se constrói homem".

Pode-se dizer que desde o nascimento, o homem já é um ser social em desenvolvimento e todas as suas manifestações acontecem porque existe outro ser social. Mesmo quando ainda não se utiliza da oralidade, o sujeito já está interagindo e se familiarizando com o ambiente em que vive. Vygotsky enfatizou em suas pesquisas a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio[15], ressaltando a importância da linguagem neste processo, defendendo que, por ser a linguagem um sistema simbólico dos grupos humanos, representa um salto qualitativo na evolução da espécie. Segundo o autor**,** é necessário observar as regularidades do desenvolvimento infantil, considerando o momento adequado a fim de estimular e potencializar as aprendizagens.

---

[14] Psicólogo bielo-russo Vygotsky (1896-1934) atribuía um papel preponderante às relações sociais na constituição do indivíduo, dando origem a uma corrente pedagógica denominada socioconstrutivismo ou sociointeracionismo. Suas idéias são amplamente difundidas na pedagogia contemporânea em oposição às idéias do biólogo suíço Jean Piaget(1896-1980), cuja teoria sustentava a importância dos processos internos, de caráter biológico, para a aquisição do conhecimento.

[15] O autor utiliza-se do conceito de aprendizagem mediada como a aquisição de conhecimentos por meio de um intermediário entre o ser humano e o ambiente, sendo eles os instrumentos e os signos. A concepção de mediação como o processo que caracteriza a relação do homem com o mundo e com outros homens, é essencial para a compreensão da teoria sociointeracionista.

Para Vygotsky**,** existe parte do desenvolvimento, definida pelo processo natural de maturação do organismo, pertencente à espécie humana, mas é o aprendizado que possibilita o acontecimento de processos internos que não ocorreriam sem o contato com o ambiente cultural. A cultura fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade, ou seja, o universo de significações que permite construir a interpretação do mundo real. Segundo o autor: "A internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana; é a base do salto quantitativo da psicologia animal para a psicologia humana" (VYGOTSKY, 1984), ou seja, é pela convivência social e a interação com o outro, por meio da linguagem, que o homem se faz homem.

Portanto, suas concepções sobre o processo de formação de conceitos remetem às relações entre pensamento e linguagem[16], à questão cultural no processo de construção de significados pelos indivíduos e ao processo de internalização de conhecimentos. Os símbolos e as interações são importantes para a transmissão do conhecimento através da comunicação, pois pela linguagem, os signos adquirem significado e sentido, já que ela fornece os conceitos, formas de organização e a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento.

O uso da linguagem como instrumento de pensamento e, consequentemente, de interação, supõe um processo de internalização, ou seja, falar requer apropriar-se do significado e do sentido atribuído àquela palavra. Essa afirmação traduz a relação entre pensamento e linguagem e as experiências individuais e sociais, e reafirma a importância da vivência cultural para a construção da individualidade.

No mesmo sentido, a aprendizagem não acontece de maneira isolada, o indivíduo participante de um grupo social, ao conviver com outras pessoas efetua trocas de informações e, desta forma, vai construindo o seu conhecimento conforme seu desenvolvimento psicológico e biológico lhe permite. Para o autor, é nesta relação entre indivíduos e cultura que se estabelece a internalização dos conceitos que geram a aprendizagem; dessa forma, é pela atividade sócio-histórica que o indivíduo desenvolve as funções mentais superiores e, portanto**,** aprende, gerando novas relações e experiências socioculturais realçando o caráter da mediação cultural do processo de produção do conhecimento.

---

[16] Denominado pelo autor de pensamento verbal, refere-se à capacidade humana de unir a linguagem ao pensamento para organizar a realidade. Trata-se do pensamento histórico-social que diferencia o homem dos outros animais.

Para Vygotsky (1998), cada indivíduo não é somente o sujeito da aprendizagem, mas, aquele que aprende junto ao outro o que seu grupo social produz: valores, linguagem, culturas e o próprio conhecimento.

O aprendizado é entendido pelo autor como ”um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (VYGOTSKY, 1984, p.101). A partir da interação entre diferentes sujeitos se estabelecem processos de aprendizagem e, por consequência, o aprimoramento de suas estruturas mentais existentes desde o nascimento. O processo de interação tem lugar de destaque na teoria de Vygotsky, no que se refere ao processo educativo formal, mas o seu valor no contexto escolar não está restrito à relação sujeito-sujeito, mas no objeto que se revela nesta relação: o conhecimento.

Para que uma aprendizagem ocorra ela deve ser significativa, o que exige que seja vista como a compreensão de significados, relacionando-se as experiências anteriores e vivências pessoais, permitindo o estabelecimento de diferentes tipos de relações entre fatos, objetos, acontecimentos, noções e conceitos, desencadeando modificações de comportamentos e contribuindo para que o indivíduo se desenvolva mentalmente, adquira funções psicológicas superiores: consciência, planejamento, armazenamento, capacidade de resolver problemas e a formação de conceitos e utilize o que foi aprendido em diferentes situações[17].

Atribuindo significado e sentido para as coisas, o homem procura dominar o mundo e organiza a vida em sociedade. Para Paulo Silvino Ribeiro (2012) “criam-se culturas humanas que consistem em sistemas de pensamento, de costumes, de valores, de conhecimentos e saberes específicos e que variam e se modificam entre as sociedades”; que permitem que um determinado grupo tenha aspectos comuns, como, por exemplo, as regras e condutas daquela determinada sociedade, padrões comportamentais ou de interação social que estabelecem as expectativas, o que pode ser aceito ou é rejeitado e que servem como guias para julgamento dos comportamentos individuais e permitem a convivência em grupo.

Neste sentido, torna-se fundamental desenvolver as habilidades linguísticas de falar e de escutar, o que favorece a observação da argumentação, do encadeamento de ideias, da lógica utilizada pelo interlocutor e da coerência da sua exposição levando ao aprimoramento do discurso oral.

---

[17] Sobre a apropriação do conhecimento pelas crianças, o autor utiliza-se do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal que se refere à distância entre as práticas que uma criança já domina e as atividades nas quais ela ainda depende de ajuda para ampliar sua compreensão acerca de um conhecimento e que enfatiza a importância da interação para a construção da aprendizagem.

Cada sociedade transmite às novas gerações o patrimônio cultural que recebeu de seus antepassados. Portanto, a cultura é herança social. Este aprendizado é transmitido através das gerações, por meio dos processos de socialização e de interação social. O conhecimento pode ser considerado uma rede de significados em constante processo de transformação, no qual cada possibilidade de diferentes interações possibilite novas interpretações, onde um significado se transforma, admitindo que novas relações se estabeleçam. Os seres humanos são, portanto, ao mesmo tempo, produtores e produtos do conhecimento, já que o conhecimento é transmitido através das gerações, por meio dos processos de socialização e de interação social. Dessa interação com o mundo ao seu redor, o homem produz e reproduz conhecimento e informação. Para Roxane Rojo:

> uma possibilidade de expressar tal compreensão é entender a linguagem como um modo de **ação social** por meio da qual as pessoas estão agindo no mundo. Isso quer dizer que, quando compreendemos, escrevemos e falamos, estamos envolvidos em um ato social de interação por meio da linguagem na **construção da vida** social, ou seja, dos significados, dos conhecimentos e de nossas identidades sociais. Essa é a dimensão **construcionista** da linguagem. (ROJO, 2009, p.36)

A transmissão dos valores e conhecimentos do mundo atual da geração mais nova aos mais velhos é umas das contribuições a ser partilhada entre as gerações. Cada ser humano desenvolve suas ideias, princípios, valores, objetivos, interesses, talentos, emoções e tendências para atuar no mundo. Sua história de vida e a forma como se relaciona com o outro e com o meio, influenciam diretamente na forma como se constitui, ou seja constrói a sua subjetividade. Portanto, é necessário compreender como as relações interferem para a construção da sociedade, já que muitos desses aspectos podem conduzir a um caminho para a interação entre jovens e idosos considerando que muitas das características individuais dependem de interação.

Para Vygotsky e Luria (1996, p.95), “o comportamento do homem moderno, cultural, não é produto da evolução biológica, ou resultado do desenvolvimento infantil, mas também produto do desenvolvimento histórico”. A vida em sociedade e o trabalho determinam os comportamentos humanos, criam e transformam sociedades e culturas, levando a humanidade a não ser mais regida apenas por leis biológicas, mas também e, principalmente, pelas leis sócio-históricas que interferem e influenciam nos rumos da sociedade moderna.

O uso da linguagem requer que um determinado grupo social atribua significado e sentido às coisas, e a partir dessa convenção social, passa a ser importante instrumento de

interação social visto que impulsiona o relacionamento e organiza a vida em sociedade. Maria de Lourdes Remenche citada em União Marista do Brasil, afirma que

> as linguagens constituem o mundo e são constituídas por ele, em um movimento contínuo de interação, construção e desconstrução. As práticas de linguagem que compõem a vida social, em toda a sua dimensão, variam em função de situações, culturas, valores e atitudes, dando origem a um emaranhado e complexo feixe de relações socioverbais. (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2010, p. 61)

A apropriação de novos processos mentais, com o objetivo de facilitar a vida humana e a relação entre as diferenças no modo de funcionamento intelectual de pessoas com diferentes culturas, reforça a necessidade da interação do ser humano com o mundo social, natural e histórico, como forma de adaptar-se às mudanças e o convívio intergeracional, o que pode representar um caminho para a construção de uma nova maneira de viver em sociedade.

3.2 A APROXIMAÇÃO DE JOVENS E IDOSOS À TECNOLOGIA DA COMUNICAÇÃO NA VIDA COTIDIANA

As descobertas e inovações tecnológicas, especialmente as que promovem a comunicação, como o computador e o celular, e a necessidade de utilizar certos instrumentos tecnológicos trazem também alterações significativas em nossa vida, cada vez mais alterando nossos hábitos e padrões de comportamento.

A mudança no perfil da população tem um impacto profundo nos processos de gerir, capacitar e absorver capital intelectual. O desenvolvimento da tecnologia da informação requer uma adaptação nos processos de aquisição e retenção do conhecimento da população.

As novas tecnologias, vistas num passado recente como meras ferramentas, no mundo contemporâneo vêm interferir na construção da própria subjetividade humana, gerando a necessidade de transformar as relações que se estabelecem com o outro e com o meio.

Segundo os dados do IBGE (2008), 56 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade acessaram a Internet por meio de um microcomputador, pelo menos uma vez, no período de referência dos últimos três meses. Estas pessoas representavam 34,8% desta população, e mostrou um aumento expressivo nos últimos anos, uma vez que, em 2005, este percentual era de 20,9%.

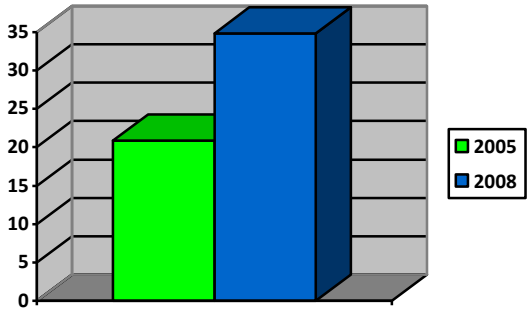

Figura 5 - Percentual da população brasileira com acesso à Internet
Fonte: IBGE, 2012

Os mais jovens, segundo a pesquisa, de 10 a 17 anos de idade, a acessaram, principalmente, nos centros públicos de acesso pago (53,3%) e no domicílio em que moravam (43,1%) e as pessoas com 40 anos ou mais de idade, no domicílio que moravam (78,6%) ou no local de trabalho (50,9%). No grupo de 50 anos ou mais de idade, 11,2% das pessoas tinham acesso à Internet. Este grupo representava, em 2008, 24,8% da população total, mas os que a tinham acessado correspondiam a 8,0% apenas. A proporção de pessoas que acessaram a Internet, no grupo de 10 a 14 anos de idade (51,1%), ficou acima dos daqueles com idade de 25 anos ou mais. Este comportamento foi observado em todas as Grandes Regiões. (IBGE, 2008)

Em relação aos telefones móveis, a pesquisa revelou que cerca de 56 milhões de pessoas, ou 36,6% da população, possuíam aparelhos; em três anos, estima-se que esse número chegou a mais da metade (53,8%) da população de 10 anos ou mais de idade, ou seja, cerca de 86 milhões de pessoas. Esse aumento foi significativamente maior que o aumento da população nos anos de 2005 para 2008, enquanto a população de 10 anos ou mais de idade cresceu 5,4%, o contingente daqueles que possuíam telefones celulares aumentou 54,9%, sendo que a população masculina ainda supera o número de mulheres que têm esse aparelho.

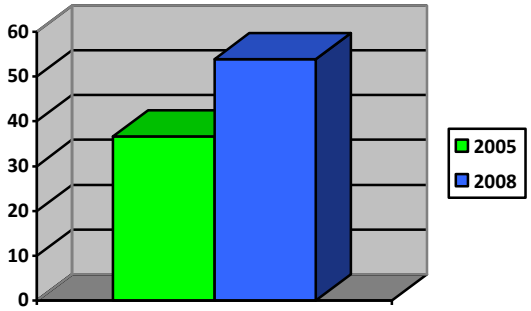

Figura 6 - População brasileira com acesso à telefonia celular
Fonte: IBGE, 2012

Se por um lado a humanidade possui atualmente recursos tecnológicos sofisticados e liberdade de expressão, que deveriam aprimorar qualitativamente a capacidade de comunicação, por outro, a distância física proporcionada pelos instrumentos de comunicação poderia dificultar as relações que se estabelecem. Os avanços tecnológicos têm apresentado à sociedade instrumentos de mudanças do comportamento e provocado transformações nas relações humanas, à medida que o domínio da informação permite aos indivíduos participarem ativamente do mundo globalizado.

Segundo o IBGE (2008)

> os avanços das tecnologias da informação e das comunicações - TIC vêm-se refletindo em todo o mundo, embora com intensidade diferenciada em função do nível de desenvolvimento das sociedades ou de outros fatores (políticos, culturais, etc.). Tendo em vista o impacto dessas tecnologias como fatores propulsores do desenvolvimento econômico e social dos países, cada vez mais se torna necessário acompanhar a sua evolução.

Na sociedade atual, as redes voltam a se constituir em elementos estruturadores de territórios, de novas formas de agir, pensar, sentir. Para Araujo (2009,p.1)

> a sociabilidade no mundo virtual leva à participação ativa em diferentes grupos sociais gerando diferentes culturas das conhecidas na sua forma convencional, e permitindo a geração de outras culturas, comportamentos, valores que podem interferir diretamente na realidade concreta.

Pierre Lévy aponta que tudo aquilo que existe em potência, mas não em ato, pode ser caracterizado como virtual, sem, necessariamente, se questionar sua existência. Assim, explica que "o virtual não se opõe ao real, mas ao atual" (LÉVY, 1996, p.16). Para o autor, as redes sociais, muitas vezes, dão sustentação às relações entre indivíduos, grupos e entidades que estruturam os campos onde fenômenos sociais acontecem. Elas permitem que o indivíduo

se expresse de uma nova forma, desenvolva novas maneiras de se sentir integrante de um tempo-espaço, diferente do real, com normas, valores e comportamentos muitas vezes diferentes da sociedade real.

O *ciberespaço* requer parâmetros específicos de sociabilidade, cujas origens advêm dos diferentes valores, que são desenvolvidos e absorvidos pela sociedade do mundo real e transformados em novas regras no mundo virtual. Essas diferenças, cada vez mais comuns**,** retratam a importância da construção das estruturas relacionais, já que, no espaço virtual as relações interpessoais ficam de certa forma, facilitadas, visto que ele simula a vida real e permite uma maior exploração da própria individualidade. Nestas relações**,** cabem as falsas identidades, que possibilitam aos sujeitos serem diferentes pessoas de acordo com o contexto. É no anonimato que se produz uma nova sociabilidade.

Ao longo do seu desenvolvimento cognitivo, o indivíduo vai construindo uma série de competências e informações, que são reflexo dos processos de situações significativas que promoveram aprendizados, seja por fatores internos, externos, sociais ou individuais. Do ponto de vista de sua intencionalidade e de sua operacionalidade, a aprendizagem pode assumir distintas configurações. Essas configurações abrangem as teorizações que a concebem como meio de transmissão e manutenção do patrimônio cultural, seus valores, comportamentos e técnicas até as que acreditam em processo de significação da cultura, dos sujeitos, saberes, conhecimentos.

Apropriar-se de forma significativa dos recursos tecnológicos demanda esforço e dedicação. Grande parte das ações do homem da atualidade demanda o conhecimento e a utilização da tecnologia**,** pois destas dependem a comunicação e a organização da vida cotidiana, como na utilização de telefones celulares ou terminais bancários, por exemplo, essenciais para parcela significativa da população mundial.

Segundo Gilson Fais (2012, p. 36)

> por estarem sempre se renovando, num ritmo de desenvolvimento acelerado, as tecnologias suscitam a dinamicidade das aprendizagens tecnológicas e o desenvolvimento de habilidades fundamentais na sociedade da informação. Os exemplos da velocidade do desenvolvimento tecnológico se multiplicam com impactos políticos e culturais profundos, pois demandam novas competências em praticamente todas as áreas da atividade humana.

Cada vez mais, aparatos tecnológicos são desenvolvidos com o objetivo de facilitar a vida em sociedade; entretanto**,** cada vez mais é necessário que o ser humano se adapte à complexidade desses dispositivos tecnológicos e aprendam a utilizá-los. Ou seja, se por um

lado esses mecanismos são inseridos com a função de auxiliar o ser humano, por outro demandam a necessidade de estar em constante processo de aprendizagem.

Neste sentido, a aprendizagem, no mesmo tempo em que produz valores, conhecimentos e saberes, é também produzida por eles. Neste movimento**,** se dá a constituição dos sujeitos, suas formas de ser, conhecer, estar, viver e conviver no mundo. Segundo os estudos de Vygotsky, citado em OLIVEIRA (1993, p.33)**,** o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento e é "um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizada**s** e especificamente humanas." É o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento que não ocorreriam não fosse o contato do indivíduo com certo ambiente cultural. A cultura é um dos fatores determinantes para que os sujeitos se caracterizem de múltiplas formas e construam novas identidades a partir da atitude de socialização.

O acesso à Internet possibilitou uma nova experiência em termos de sociabilidade, já que possibilita um contato mais rápido com um número maior de pessoas. Segundo o IBGE, em 2008, a comunicação com outras pessoas foi o principal motivo de acesso à rede para 83,2% da população, seguido pelas atividades de lazer, educação e aprendizado e leitura de jornais e revistas. Ainda segundo a pesquisa, 65,2% da população não utilizaram a internet porque não a achavam necessária ou não queriam (32,8%); não sabiam utilizar a Internet (31,6%) ou não tinham acesso a microcomputador (30,0%).

A ampliação do acesso à internet pode representar uma nova possibilidade de meio de comunicação e acesso à informação tanto para jovens quanto para idosos. Entretanto, percebe-se que para a nova geração, que já nasceu sob a perspectiva da informatização, esse contato é muito mais natural, ao passo que, para os idosos**,** é necessário promover uma aproximação e uma nova aprendizagem.

Os constantes movimentos de mudanças sociais atribuem aos idosos diferentes papéis ao longo do tempo, influenciados pelas culturas. "O envelhecimento demográfico é evidente nas sociedades desenvolvidas do século XXI e tem implicações na esfera socioeconômica, nas modificações ao nível individual e nos novos estilos de vida" (CARRILHO e GONÇALVES *apud* VELOSO et al, 2011, p.2). Em alguns grupos, seu conhecimento e experiência são valorizados e sua posição social permanece em destaque. Entretanto, na maioria das culturais ocidentais, grande parte da população idosa permanece à margem do grupo socialmente ativo, em muitos casos em função da sua própria vulnerabilidade biopsicossocial.

Devido ao envelhecimento, algumas das suas habilidades sofrem modificações inerentes à natureza humana e que, embora sejam variáveis de acordo com cada indivíduo,

inclusive como consequência do seu estilo de vida, influenciam na maneira como vivem na fase idosa. Segundo Vaz-Serra (2006), torna-se mais difícil para o idoso compreender mensagens longas e/ou complexas e em recuperar termos específicos; maior dificuldade nas atividades de raciocínio que envolve a análise lógica e organizada de material abstrato ou não familiar; discurso mais repetitivo; dificuldade em selecionar informação; diminuição da capacidade de execução das tarefas psicomotoras novas e rápidas; prejuízo da memória, especialmente da secundária que se refere à aquisição de nova informação, e em repartir a atenção em múltiplas tarefas; dificuldades no raciocínio indutivo, na orientação espacial, nas aptidões numéricas e verbais e na velocidade perceptiva.

Entretanto, motivados pelo aumento da expectativa de vida, podem-se perceber alguns movimentos no sentido de minimizar as dificuldades e ampliar as competências do idoso, facultando-lhe o direito de continuar ativo na sociedade. Ao passo que o sujeito idoso até pouco tempo atrás assumia uma postura de recolhimento e de certa passividade, atualmente, já é possível observar algumas posturas que se contrapõem a essa imagem de envelhecimento resignado. Embora ainda não se tenham estudos conclusivos que abordem em termos quantitativos a qualidade de vida da população idosa brasileira, percebem-se algumas mudanças acontecendo em relação à maneira como encaram o envelhecimento. Atualmente, a probabilidade de atividades produtivas bem como a possibilidade de realizar novas experiências tem possibilitado a uma parte dessa população uma evolução na perspectiva social.

Acompanhada da revolução social que assinala um novo modelo, a revolução informacional sugere uma readaptação do sujeito à forma de se comunicar na qual a apropriação e utilização das tecnologias são questões a ser consideradas. Para Pasqualotti (2008, p.146)

> integrar as TIC[18] no cotidiano do cidadão sênior é um desafio, já que este público constitui o grupo etário que menos utiliza as tecnologias. No cotidiano das pessoas o destaque de uso dos recursos tecnológicos vai para a televisão, que possui grande hegemonia entre as atividades de lazer e bem-estar psicológico e emocional dos seniores, porque segundo alegam ela satisfaz as suas necessidades psicossociais. Proveniente de uma geração que sempre deteve o poder, o cidadão sênior passou a conviver com uma tecnologia que não faz diferença à sua vida, isto é, o sujeito afasta-se da tecnologia por motivos próprios de repúdio à inovação ou pelo entendimento das gerações mais novas que o caracteriza como um sujeito que não possui conhecimento e habilidade para a usar. O que o sênior procura não é conhecer computadores e dominar a sua lógica, mas a apropriação, a inclusão como parte ativa e motivada por fazer parte da sociedade.

[18] Tecnologias da Comunicação e Informação

Para essa população, os dispositivos tecnológicos se constituem ao mesmo tempo em esperança de melhoria de qualidade de vida e um grande desafio na aprendizagem da sua utilização. Neste sentido, pesquisas recentes mostram que o computador, ao mesmo tempo em que contribui para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, também exclui quem não está interessado. A forma como cada sujeito reage frente ao novo, reflete na relação que ele irá estabelecer com esses mecanismos.

Fatores como a falta de confiança da população idosa na sua capacidade para utilizar estas tecnologias, bem como a ansiedade de execução podem ser percebidos como inibidores do acesso do cidadão idoso às tecnologias da comunicação e informação. Para alguns, basta o acesso à televisão e ao telefone para satisfazer suas necessidades de atualização e comunicação, para outros, a apropriação do funcionamento dos aparelhos celulares e dos computadores significa a sua inclusão como parte ativa e motivada da sociedade e de certa forma, a sua independência e autonomia na tomada de decisões.

A juventude, no cenário atual, se caracteriza, a partir da perspectiva histórica e cultural, pela apropriação dos múltiplos elementos simbólicos oferecidos pela cultura contemporânea. Para os jovens que nasceram em um contexto informatizado, o acesso aos dispositivos de comunicação**,** como computadores e celulares**,** representa a inserção no contexto social, já que assegura ao jovem uma interação social e certa independência e autonomia. Estar "conectado", para a maioria da juventude atual, passa a representar certa condição de acesso social.

Segundo Manuel Castells**,** após ter observado as tendências da sociedade no presente momento da era digital**,** "a virtualidade se torna uma dimensão essencial de nossa realidade" (CASTELLS, 2000, p.565), perspectiva que demonstra a amplitude das tecnologias da comunicação e informação e a sua influência na forma de relacionamento do ser humano. Essa percepção altera o cenário onde se estabelecem os vínculos afetivos e ressignificam os relacionamentos que acontecem a partir de uma comunicação em rede, uma vez que podem tornar o jovem cada vez mais individualista realmente**,** embora se relacione com muitos virtualmente.

3.3 A LINGUAGEM COMO TECNOLOGIA

Ao utilizar o termo **tecnologia** associado à ideia da utilização das informações ou conhecimentos organizados a fim de trazer benefícios materiais ou imateriais a um determinado indivíduo ou grupo social, de acordo com a concepção defendida por Fleury

(1990) e Castells (2000) já abordada no primeiro capítulo desse estudo, reflete-se sobre o espaço que as tecnologias ocupam na vida do indivíduo da contemporaneidade repensando sobre seu papel na sociedade. Para Tania Mara Porto, "os contextos (sociais, culturais e financeiros) também têm um papel definidor entre o sujeito e a tecnologia, ampliando e/ou limitando as relações e situações que daí se originam".

Acrescenta-se a esse conceito a perspectiva defendida pela União Marista do Brasil:

> as tecnologias constituem-se como técnicas em movimento e produzem respostas associadas ao atual estatuto epistemológico das ciências, espelhando uma forma de interagir com o mundo que vem se traduzindo por meio de objetos tecnológicos [...] que inspiram novos pensares e fazeres, disparando questionamentos e alimentando o circuito das reflexões críticas perante as questões do mundo. (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2010, p. 61)

E ainda a ideia de Porto citando Kenski,

> a evolução tecnológica não se restringe aos novos usos de equipamentos e/ou produtos, mas aos comportamentos dos indivíduos que interferem/repercutem nas sociedades, intermediados, ou não, pelos equipamentos. Portanto, entendemos como tecnologias os produtos das relações estabelecidas entre sujeitos com as ferramentas tecnológicas que têm como resultado a produção e disseminação de informações e conhecimentos[19].

Sendo assim, é possível considerar a linguagem como tecnologia, já que se acredita que a **linguagem** é um sistema complexo que abarca regras, signos, símbolos, sentidos, representações,...(conhecimentos/informações organizadas) que está em constante movimento e que permite a comunicação, a significação, a interação e portanto a prática política, social e cultural. Esse entendimento é defendido também pela União Marista do Brasil ao afirmar que:

> linguagens e tecnologias são produções históricas, culturais e políticas intrínsecamente indissociáveis. A linguagem é uma tecnologia e a tecnologia é também uma linguagem. Produzem e articulam significados e geram novas formas de conhecer, além de novas formas de inter-relacionamento do sujeito com o mundo. (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2010, p. 60)

Essa concepção reforça a importância da linguagem e da tecnologia para as relações que os sujeitos estabelecem com o mundo ao seu redor, pois por meio delas é possível construir significados não somente para as palavras, mas para as situações, os contextos, os sistemas, refletindo, ressignificando, atribuindo novos sentidos, em diferentes perspectivas e

[19] Grifo nosso

portanto transformando a realidade, como citaram Dhalberg; Moss; Pence (2003, p.40): “ a linguagem não copia nem representa a realidade – ela constitui a realidade.”

Esse conceito de linguagem como tecnologia corrobora com a perspectiva sócio-histórica ao acreditar que é preciso entender as condições históricas, sociais, culturais e educativas em seus contextos, já que esses elementos interferem na postura do indivíduo que a utiliza, já que “produzem marcas e construções dinâmicas do sujeito diante de seus questionamentos, de suas necessidades e das questões que lhe são postas” (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2010, p. 61). Ao mesmo tempo em que se considera que enquanto sistemas organizados de informações, linguagem e tecnologia não podem ser dissociados pois se entrelaçam com a finalidade de produzir novos sentidos, ressignificando-se constantemente e modificando aquele determinado momento histórico.

> Linguagens e tecnologias articulam interfaces que constituem espaços de intencionalidades que reúnem simultaneamente a criatividade individual e coletiva. Expressam um posicionamento político-ideológico, sugerindo um entendimento das representações sobre as realidades e uma perspectiva de ação que sintetiza o pensamento de uma época. (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2010, p. 61)

Para Juana Maria Sancho é necessário observar além dos instrumentos da tecnologia, a forma como eles interferem em nossa vida cotidiana. Para a autora, é preciso considerar “como as tecnologias organizadoras e simbólicas configuram e transformam o nosso mundo” (SANCHO, 2008, p. 2), já que, segundo a autora, uma vez tendo incorporado a tecnologia à vida em sociedade, muito dificilmente seria possível que ela deixasse de fazer parte da vida dos indivíduos. Esse ponto reforça a ideia de linguagem como tecnologia, uma vez que o conceito de tecnologia se torna mais amplo do que simplesmente instrumentos tecnológicos.

Para a autora, os instrumentos utilizados pelos professores, por exemplo, bem como “ as tecnologias simbólicas que medeiam a sua comunicação com os alunos ou fazem parte da mesma (linguagem, representações icônicas, o próprio conteúdo do currículo) e as tecnologias organizadoras (gestão e controle da aprendizagem, disciplina...)” são tecnologia.

Segundo Sancho (2008, p. 3):

> algo que diferencia substancialmente a espécie humana do resto dos seres vivos é a sua capacidade para gerar esquemas de ação sistemáticos, aperfeiçoá-los, ensiná-los, aprendê-los e transferi-los para grupos distantes no espaço e no tempo, para avaliar os seus prós e contras e tomar decisões sobre a conveniência, utilidade (para um ou para muitos) de avançar em direção a alguns ou outros caminhos. Ou seja, a sua capacidade não só de desenvolver utensílios, aparelhos, ferramentas, técnicas e tecnologias instrumentais, mas também de diferentes tecnologias simbólicas: linguagem, escritura, sistemas de representação icônica e simbólica, sistemas de pensamento... e organizadoras: gestão da atividade produtiva (taylorismo, fordismo, gremialismo...), das relações humanas, técnicas de mercado...

Para a autora, "o ser humano é social e cultural por excelência" e é por meio da utilização dos processos sociais, entre eles o de interação que o indivíduo se relaciona com o outro e com o meio, se modifica e modifica o outro nessa interação, transformado aquela determinada social.

> Os estudos antropológicos e culturais indicam a importância do desenvolvimento de formas de ação sobre o meio, de organização do próprio coletivo e da relação com o próximo na evolução dos grupos e das sociedades humanas. A tecnologia não permite somente agir sobre a natureza, mas é, principalmente, uma forma de pensar sobre ela. (SANCHO, 2008, p.6)

Sendo assim, considera-se importante verificar, como a linguagem e a tecnologia interferem nas relações que se estabelecem entre avôs e netos, observando se esses elementos de comunicação podem auxiliar na interação entre eles, proporcionando a transmissão da herança cultural e o contato intergeracional.

4. CONECTANDO TEORIA E PRÁTICA

4.1. A TECNOLOGIA COMO MEIO DE INTERAÇÃO ENTRE JOVENS E IDOSOS

O historiador inglês Theodore Zeldin, em entrevista, afirma que "no passado a tecnologia reforçou muitas vezes hábitos e costumes existentes. O fenômeno do Twitter e do Facebook leva a interações muito curtas e muitas vezes triviais." (ZELDIN, 2009) Para o autor, houve uma modificação no comportamento humano e nas relações que se estabelecem na era da informatização, tendo como consequência, relações mais superficiais. Para Zeldin, "a conversa e o entendimento mútuo podem acionar a grande revolução necessária para reduzir os impactos negativos que as diferenças culturais podem ter na política, na sociedade e nos negócios." O desafio da sociedade atual é utilizar adequadamente a tecnologia dos meios de comunicação como forma de aproximar as pessoas, fazendo-as pensar a respeito dos assuntos importantes, refletindo e conversando com o outro. Para Zeldin (2009)

> a minha pesquisa sugere que o tipo de interação mais valiosa é entre duas pessoas que tentam ser honestas uma como a outra, estabelecendo confiança, que é necessária tanto para relações econômicas como pessoais. A maior parte das pessoas assume que sabem instintivamente como falar. Mas falar é diferente de conversar, e isso tem de ser aprendido e praticado, e melhora com uma cultura mais vasta e com a curiosidade.

Neste sentido, é importante voltar à questão da sociabilidade. A cultura fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade, ou seja, o universo de significações que permite construir a interpretação do mundo real. O uso da linguagem como instrumento de pensamento e de interação supõe um processo de internalização da linguagem, ou seja, falar requer apropriar-se do significado e do sentido atribuído àquela palavra no processo de construção de significados pelos indivíduos. Sendo assim, segundo o autor, pode-se dizer que a linguagem gera interação e ainda, que a conversa suscita a sociabilidade. Afirma Zeldin (2009)

> a conversa é um encontro de mentes com memórias e hábitos diferentes. Quando mentes se encontram, não trocam apenas fatos: transformam-nos, moldam-nos, tiram conclusões diferentes a partir deles, exploram novas linhas de raciocínio.

As novas tecnologias de comunicação, de acordo com a sua utilização, poderiam afastar as pessoas de seus relacionamentos sociais; entretanto, podem ao mesmo tempo representar um importante instrumento de interação social, já que a interconectividade

existente no mundo virtual, tanto quanto no mundo real, exige de ambas as partes uma atenção individualizada e sintonizada com o outro. O homem é um ser social e, neste sentido, a forma de se relacionar com o outro, real ou virtualmente, levando à conversa, à reflexão, aproximando pessoas, diminuindo diferenças, é o que o leva à transformação e à produção de novas culturas.

Assim, entende-se a necessidade do letramento digital[20] como "uma forma de se ter o acesso à informação e a sua subsequente utilização no cotidiano", segundo a definição utilizada por MOREIRA (2012, p.3). A autora Magda Soares enfatiza que há modalidades diferentes de letramento, o que sugere que a palavra seja pluralizada: há letramentos, e não letramento, isto é, "diferentes espaços de escritas e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos." (SOARES, 2002, p.156).

Portanto, o chamado letramento digital pode ser considerado uma possibilidade de acesso social se for entendido sob a perspectiva multicultural em que diferentes culturas, cada qual com suas particularidades, importante para a constituição do sujeito e para sua interação com o meio. Sob esse aspecto, Soares (2002), ao apresentar uma nova visão do conceito de letramento, bem como a confrontação de tecnologias digitais de leitura e de escrita com tecnologias tipográficas, salienta que cada uma tem seu espaço e um efeito na sociedade e refere-se ao letramento digital como a prática de leitura e escrita possibilitada pelo computador e pela internet. Entretanto, como produtor de cultura, o letramento digital deve ser mais do que a capacidade de usar fontes digitais, mas uma nova forma de expressar o pensamento crítico. Para Mill (2009, p. 45) "fazer amplo uso das mídias digitais em favor próprio exige um letramento digital, o que implica o desenvolvimento de estruturas cognitivas bastante complexas" e ainda afirma citando Lévy:

> em relação às tecnologias digitais, resumimos nosso desejo com a seguinte afirmação: "permitir que os seres humanos conjuguem suas imaginações e inteligências a serviço do desenvolvimento e da emancipação das pessoas é o melhor uso possível das tecnologias digitais"(MILL, 2009, p. 47).

[20] Para ROJO (2009, p. 98), o termo alfabetismo tem um foco individual, bastante ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e linguísticas) escolares e valorizadas de leitura e escrita (letramentos escolares e acadêmicos), numa perspectiva psicológica, enquanto o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrindo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola, etc.) numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural.

Retomando a fala de Bakhtin ao referir-se às esferas de atividade social ou de circulação dos discursos, quando afirma que o enunciado[21] é influenciado pelo contexto social, cumpre-se observar que de acordo com esse contexto, o discurso ou ainda a linguagem é adaptada a fim de se fazer compreender. A existência de meios de comunicação capazes de colocar uma mesma mensagem ao alcance de grande número de indivíduos, independentemente da sua condição pode representar um meio de inclusão social que favorece as relações e, portanto, produz culturas.

Assim, para que as transmissões educativas e os valores se perpetuem de uma geração à outra, como também o legado cultural não se perca, é fundamental que ocorram possibilidades de abertura e de interlocução entre as gerações. Assim, consideramos que a transmissão dos valores e conhecimentos do mundo atual da geração mais nova aos mais velhos é umas das contribuições a ser partilhada entre as gerações neste processo de co-educação.

Na distribuição das pessoas residentes, destaca-se a importância dos netos (4,7%), um contingente mais expressivo que o de outros parentes ou conviventes, revelando a existência de uma convivência intergeracional no interior das unidades domésticas[22] (IBGE, 2008)

4.2 MÉTODO E PESQUISA

Com base nos conceitos estudados e no sentido de averiguar as hipóteses levantadas, esta etapa do trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de campo desenvolvida a partir do estudo de natureza descritiva e base qualitativa na qual se procurou analisar as respostas obtidas por meio da entrevista sob a perspectiva abordada ao longo do texto percebendo e estudando as relações estabelecidas.

Foi inicialmente proposta para 41 jovens com idades entre 14 e 17 anos, participantes de um grupo de jovens de classe média da cidade de Curitiba. Esse grupo foi escolhido tendo em vista sua condição sócio-econômica e por terem condições de acesso aos instrumentos de

---

[21] Para o autor, o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramáticas – mas também, e sobretudo, por sua construção composicional.(BAKHTIN, 1992, p. 279)

[22] Segundo o IBGE, “para fins de análise, optou-se por utilizar o termo unidade doméstica a tudo que se refere à composição e à organização das pessoas no interior dos domicílios e, portanto, a variável “condição no domicílio”, presente no tópico conceitos e definições, refere-se ao tipo de relação de parentesco ou de convivência com a pessoa responsável pela unidade doméstica”, sendo suas categorias equivalentes”

comunicação enfatizados nesta pesquisa: computador com acesso à internet e/ou telefones celulares.

Após a apresentação da pesquisadora e do seu objeto de estudo, foi perguntado aos jovens quais deles tinham avôs com os quais tinham contato. Neste momento, 27 jovens responderam positivamente à questão, eliminando os demais como possíveis participantes da pesquisa.

Convidou-se o grupo a participar questionando a possibilidade de cooperação também dos avôs. Nesta etapa, seis jovens afirmaram que não gostariam de fazer parte da pesquisa. Após o contato inicial, dois avôs não se dispuseram a colaborar com o estudo, um deles justificando que não teria tempo e outro que não se sentia à vontade para responder às perguntas.

Após o primeiro contato e a verificação dos dados dos avôs, quatro não puderam dar continuidade ao projeto por não atenderem ao requisito inicial de idade. Esse grupo foi escolhido considerando o critério etário estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que considera idoso o indivíduo com 60 anos ou mais, se residente em países em desenvolvimento. A opção por estudar idosos entre 65 e 75 anos contemplou a idade de aposentadoria prevista pela Constituição Federal que assegura a aposentadoria no regime geral de previdência social para os homens com sessenta e cinco anos de idade, pois se considerou que, ao permanecer atuante no mercado de trabalho, o contato dos idosos com a tecnologia seria mais frequente, o que poderia interferir no resultado da pesquisa.

Sendo assim, o grupo de pesquisa foi inicialmente formado por 15 jovens com idades entre 14 e 17 anos e 15 avôs com idades entre 65 e 75 anos de idade. Após a entrevista inicial com os jovens, três casos sugeriram que entrevistássemos o avô materno e o avô paterno dos jovens por terem relatado que estabeleciam relações diferenciadas com cada um dos avôs, o que resultou no número final de entrevistados: 15 jovens e 18 avôs.

Para a coleta de dados, privilegiou-se a entrevista de natureza interativa. Perguntou-se separadamente ao grupo de netos e de avôs sobre:

1. Caracterização dos entrevistados quanto à idade, ocupação profissional, faixa de rendimento, local de moradia, estado civil e composição familiar.
2. Percepções acerca da sua condição atual de jovem ou idoso, facilidades e/ou dificuldades dessa etapa de vida.
3. Uso dos meios de comunicação em relação à freqüência e finalidade de utilização.

4. Sua relação com seu avô/neto quanto aos assuntos preferidos, atividades que realizam juntos, com que frequência têm contato, dificuldades e/ou facilidades no relacionamento.
5. Meios de contato entre avôs e netos referindo-se às possíveis ferramentas que utilizam para se relacionar.
6. Percepção dos entrevistados em relação aos meios de comunicação, em especial dos telefones celulares e dos computadores como forma de proporcionar a interação entre avôs e netos.

4.2.1 Caracterização dos entrevistados:

4.2.1.1 O grupo dos avôs

O grupo de avôs foi formado por 18 senhores com idade entre 65 e 75 anos. Aos entrevistados foram solicitados alguns dados pessoais que permitissem averiguar seu grau de independência pessoal, social e financeira. Essa verificação teve por objetivo caracterizar os sujeitos da pesquisa, buscando compreender como vivem, visando estabelecer relações entre esses dados e a sua constituição como indivíduo autônomo.

Observou-se que, mesmo tendo idade prevista pela Constituição Federal que em seu art. 201, § 7° assegura a aposentadoria no regime geral de previdência social, para os homens com sessenta e cinco anos de idade e trinta e cinco anos de contribuição, grande parte dos entrevistados permanece atuando profissionalmente, alguns na mesma profissão que exerceram durante a vida profissional e outros se dedicando a outras atividades profissionais. Destes, 70% com o objetivo de complementar a renda familiar e 30% para se dedicar a projetos que não puderam ser realizados durante o exercício da profissão.

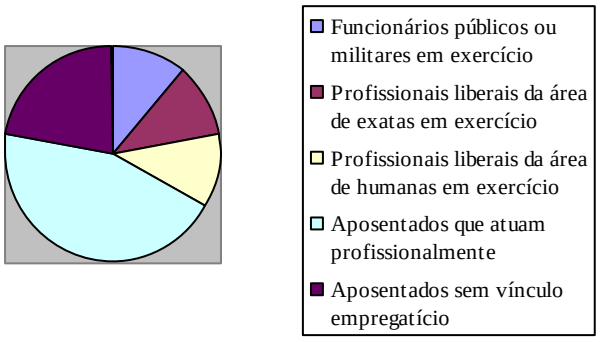

Figura 7 - Caracterização dos entrevistados idosos quanto à ocupação profissional
Fonte: Autora

Com relação à renda mensal, os pesquisados enquadram-se majoritariamente nas classes sociais B e C, segundo a classificação do IBGE[23]. Considerando exclusivamente a renda média mensal, é possível afirmar que são indivíduos com condições financeiras que permitem o acesso às ferramentas de comunicação, tais como computadores ou telefones celulares, muito embora evidentemente não seja possível assegurar que esse seja um objetivo prioritário para esses cidadãos.

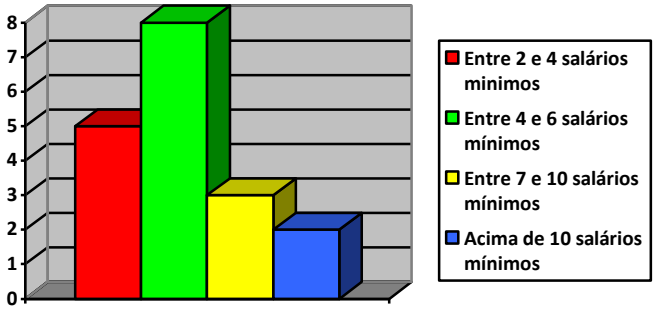

Figura 8 - Renda mensal (em salários mínimos brasileiros)
Fonte: Autora

A questão sobre o local de moradia, estado civil e composição familiar tinha como objetivo retratar as condições de contato dos sujeitos com seus familiares e a hipótese de que a família como instituição social poderia servir de espaço de interação intergeracional.

[23] Segundo IBGE, a classificação em classe social é baseada no número de salários mínimos mensais e divide em apenas cinco faixas de renda (ou classes sociais), conforme a tabela relativa ao ano de 2012 (salário mínimo de R$ 678,00):classe A acima de 20 salários-mínimos mensais (R$ 13.560,00 ou mais), classe B de 10 a 20 salários mínimos ou R$ 6780,00 a R$ 13.559,99, classe C de 4 a 10 salários mínimos mensais (R$ 2712,00 a R$ 6.779,99)

Com relação à constituição familiar, percebe-se pela fala dos entrevistados a importância da família. Observou-se que, dos 18 entrevistados, um grupo de cinco se declara viúvo com relação ao estado civil, mas apenas um mora sozinho, sendo que os demais moram com familiares. Importante ressaltar que destes quatro, dois foram morar com filhos após a viuvez e dois receberam seus filhos para morar consigo em função da separação destes com seus respectivos cônjuges. Dos 13 entrevistados restantes, oito encontram-se casados com a primeira esposa e cinco estabeleceram um segundo casamento em função da separação, uma realidade recente na sociedade contemporânea.

Verificou-se que, os filhos e seus filhos retornaram à casa paterna em função de realidades atuais, tais como a separação do casal (em três casos) ou de dificuldade financeira (em uma situação), tornando o idoso como principal provedor dessas famílias, reforçando a ideia de que o afeto advém dos laços consanguíneos e que pode auxiliar a amenizar situações de crise.

Esse panorama corrobora o estudo bibliográfico que aponta a mudança nas famílias como uma das consequências do envelhecimento populacional, trazendo para cada família características que a diferenciam das outras e que possuem os hábitos e padrões de relacionamento diferenciados entre pais e filhos. Essa nova estrutura familiar revela diversas combinações de papéis atribuídos a cada indivíduo no relacionamento familiar.

4.2.1.2 O grupo dos netos

O grupo dos netos foi constituído por 15 jovens com idade entre 14 e 17 anos, todos estudantes do Ensino Básico (Ensino Fundamental séries finais ou Ensino Médio) em escolas particulares da cidade de Curitiba, nenhum deles exerce algum tipo de atividade profissional remunerada.

Com relação à condição social em função da remuneração mensal familiar, constata-se que são jovens classificados pelo IBGE como pertencentes às classes B e C. Essa realidade possibilita o acesso desses jovens às novas tecnologias, considerando-se somente a questão financeira.

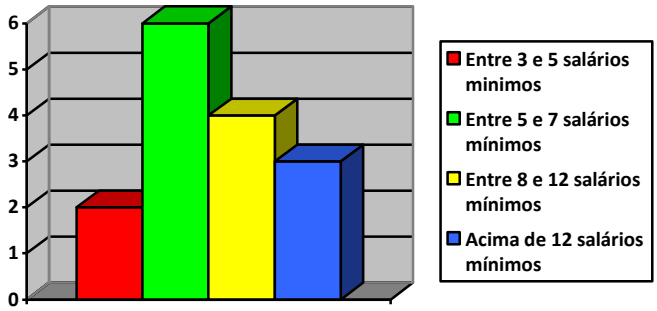

Figura 9 – Renda mensal familiar em salários mínimos
Fonte: Autora

Dos jovens entrevistados, a grande maioria (93%) reside com familiares em primeiro grau, sendo oito com ambos os pais e seis com apenas um genitor (quatro com a mãe e dois apenas com o pai) e um deles mora somente com os avôs maternos.

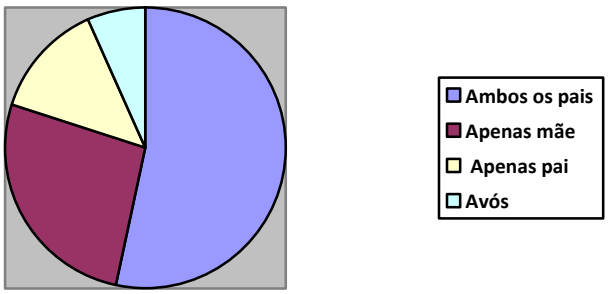

Figura 10 – Composição do grupo familiar
Fonte: Autora

Em relação ao grupo de familiares, dos 15 jovens, 13 têm irmãos tendo, portanto, contato frequente com indivíduos da mesma geração e apenas dois se declararam filhos únicos. Quatro jovens têm seus avôs morando consigo.

4.2.2 Percepções acerca da condição de jovem ou idoso

Com o objetivo que compreender as percepções que cada grupo tem de si, questionou-se ao grupo de idosos como se viam nesta condição, o que é ser idoso, o que é envelhecer, quais as facilidades e dificuldades dessa etapa de vida e o que pensam sobre os jovens. Aos

jovens questionou-se sobre o que é ser jovem, quais as perspectivas de futuro, quais as facilidades e dificuldades que enfrentam atualmente e o que pensam sobre os idosos.

Após a realização das entrevistas verificaram-se aspectos abordados ao longo do texto reiterando a posição assumida na pesquisa. Foi possível observar que a velhice e a juventude não podem ser caracterizadas apenas considerando critérios de idade, conforme defendido por Beauvoir (1990), Camarano (2004), Schneider e Iriagaray (2008) e Sousa (2006), mas é importante considerar aspectos sociais, culturais e biológicos que irão contribuir para a condição do jovem e do idoso e da sua atuação no âmbito familiar e social.

4.2.2.1 O que é ser idoso e o processo de envelhecimento

As respostas obtidas sobre o conceito de idoso e qual a percepção acerca do processo de envelhecimento retratam o idoso em diferentes perspectivas, o que corrobora com a obra de Mannheim (1967) ao afirmar que o pertencimento a uma mesma geração não pode ser creditado apenas às estruturas biológicas ou temporais, mas à posição ocupada por cada um dos membros do grupo e a forma como interferem no processo histórico.

É preciso que sejam considerados aspectos culturais, políticos e econômicos que pertenceram à história de cada um dos indivíduos e que influenciaram a sua subjetividade. Além da utilização do critério unicamente cronológico, percebeu-se que aspectos biológicos e sociais como estilo de vida e nível sócio-econômico-cultural foram usados pelos entrevistados para retratar o que é ser idoso e como percebem o processo de envelhecimento.

Pelo relato de alguns entrevistados, pode-se perceber a conotação pejorativa da utilização dos termos “velho” e “idoso”, como por exemplo, no relato do senhor L. de 65 anos: “Idoso é velho... Eu sou um jovem experiente!” afirmou. Ou ainda: “Quando a gente fica velho começam a usar o termo melhor idade... Melhor *pra* quê? Parece que é só para a gente não se sentir mal ” disse o senhor R. de 74 anos. Por outro lado, o envelhecimento está associado à função social desempenhada pelo indivíduo, como revela o depoimento do senhor G. de 67 anos: “Idoso é uma pessoa que já viveu um pouco de tudo, aprendeu tudo o que tinha para aprender e agora pode aproveitar a vida”.

“Para o homem, é muito difícil ficar velho”, relatou o senhor H. de 70 anos. “A gente tem que parar de trabalhar porque os outros acham que o que a gente faz não fica mais bem feito. Agora tenho procurado coisas para fazer em casa ou na casa da praia.”

“Depois que me aposentei não tinha como ficar parado. Eu ficaria incomodando a L. Então resolvi continuar fazendo a consultoria, assim, sempre tenho o que fazer”, relatou o avô J. de 66 anos.

Ao analisar o envelhecimento como um fato biológico e cultural, valores, preconceitos e sistemas simbólicos das sociedades são observados sob uma perspectiva histórica e socialmente contextualizada. Devido às diferentes trajetórias de vida experimentadas pelos idosos e a forma como percebem seu valor na sociedade pode-se visualizar nos depoimentos como cada qual encara sua condição atual.

Relato do senhor F. de 68 anos:

> Agora eu não tenho mais a mesma disposição que eu tinha quando era jovem, mas continuo fazendo meus exercícios e jogando a minha bolinha toda quinta-feira. É um jeito de encontrar os amigos e não ficar velho.

Afirma o senhor F. de 72 anos: “Sabe que eu acho que eu estou melhor agora?! Quando era moço eu trabalhava demais e isso me deixava muito nervoso. Agora eu *tô* mais tranquilo. Tenho mais tempo *pra* fazer o que eu gosto.”

4.2.2.2 Facilidades e dificuldades do idoso:

Analisando-se as respostas dos entrevistados, é possível concordar com as ideias de Schneider e Irigaray (2008) que afirmam que é essencial considerar a história dos sujeitos e seu contexto social para verificar como essas experiências afetam sua percepção acerca da sua condição atual. Ao buscarem elementos para se referir às facilidades e dificuldades encontradas atualmente, os idosos utilizaram frequentemente os critérios sociais e biológicos, tais como condição sócio-econômica e estado de saúde, como forma de relatar sua condição de vida.

Para o senhor G. de 67 anos,

> após ter trabalhado por mais de 50 anos, a pessoa tem direito a aproveitar a vida. Acho que agora eu tenho mais tempo e mais dinheiro e não tenho mais a preocupação em criar os filhos. Mas hoje, nem tudo é tão fácil; algumas preocupações naturais da velhice aparecem, como ficar doente e não ter tanta saúde.

Já para F. de 72 anos, “ acho que tudo é mais fácil agora, essa coisa de não ter que ficar olhando no relógio já ajuda muito. Difícil? Não acho nada difícil!” (risos).

Em função da sua própria vulnerabilidade biopsicossocial, parte da população idosa permanece à margem do grupo socialmente ativo, entretanto, pode-se afirmar que a presença da família é um dos fatores que podem reverter essa situação. O relacionamento familiar pode favorecer o idoso obtendo reconhecimento e valorização por seu conhecimento e experiência e mantendo-se em sua posição social.

Como afirmam Castro e Ribeiro (2011, p. 25)

> A família é uma das instituições mais afetadas pelas mudanças contemporâneas, seja no mundo do trabalho, da cultura ou das relações sociais. Apesar disso, continua sendo uma instituição de referência na vida dos jovens, considerada como a mais significativa. Por ser um espaço de afeto e de relações necessárias à socialização dos indivíduos, observamos que há uma ideia consolidada em nossa sociedade da família como responsável única por aquilo que se passa na vida dos jovens, especialmente seus "descaminhos". Interessante notar que, neste sentido, a ideia da corresponsabilidade por crianças, adolescentes e jovens desaparece, prevalecendo a responsabilidade singular da família.

Em entrevista, o senhor J. de 66 anos afirma:

> Depois que a minha filha e meus dois netos vieram morar conosco, as responsabilidades aumentaram. Foi como voltar a ter as preocupações de ter uma família para criar. Mas, em compensação, também voltamos a ter mais alegria. Agora a nossa casa vive cheia.

De acordo com o entrevistado D. de 65 anos:

> Eu acho que a parte boa da velhice é ter as pessoas sempre por perto. É sempre um entra e sai, com a necessidade de todo mundo trabalhar, meus filhos e meus netos estão sempre aqui em casa e isso é importante para continuarmos sendo uma família. A família é a base de tudo!

4.2.2.3 O que é ser jovem e as perspectivas de futuro

Ao grupo de jovens foi perguntado o que é ser jovem, o que pensam sobre a atualidade e como acham que será o seu futuro. As respostas obtidas retratam em parte os sonhos e expectativas juvenis. Em sua grande maioria, os jovens referem-se a uma condição atual satisfatória que ressalta os benefícios da juventude. Ao mesmo tempo, pode-se perceber o que Camarano (1999) relata em seus estudos ao designar a impulsividade e certo imediatismo como características do jovem da atualidade. Aos 14 anos, afirma o estudante M.: " Para mim, ser jovem é muito legal, é cuidar do corpo e da mente mesmo sendo jovem

para não perder as coisas boas da vida", e outro jovem da mesma idade " ser uma pessoa de bom humor e de bem com a vida, ter sonhos e viver a vida intensamente... fazer o que você tem vontade, ser quem você quiser."

Utilizando, portanto, a ideia defendida por Castro e Aquino (2008) a respeito do conceito de juventudes, que pode ser vista como uma construção social, influenciada por fatores psicossociais e que deve ser analisada ponderando o contexto social e um momento histórico, pode-se observar que a juventude entrevistada demonstra em suas respostas certa falta de preocupação com o futuro e uma ânsia por viver o momento presente, aproveitando essa etapa da vida. Por exemplo, "ser jovem *pra* mim, é ser como eu sou...", disse o jovem L. de 16 anos e ainda "Aproveitar a vida ao máximo" - relatou o jovem P. de 16 anos. "É zoar sempre que for possível, aproveitar tudo o que dá, viver a vida, conquistar as coisas mas sem prejudicar os outros" descreve M. de 15 anos. E ainda: "ser jovem é manter seu estado de espírito sempre jovem e alegre, sempre disposto, sem se importar com a idade que tem", segundo o jovem V. de 16 anos.

Em relação ao futuro, os jovens falam em alcançar seus objetivos, embora não fiquem explícitos quais seriam os objetivos a que se referem: "é lutar para alcançá-los [os objetivos], ter determinação e não se deixar vencer pelos obstáculos que encontramos pela frente e viver intensamente", afirma L. de 15 anos. "No futuro eu quero fazer o que eu gostar, experimentar, tentar, insistir até conseguir... viver a vida" diz M. de 15 anos.

4.2.2.4 Facilidades e dificuldades do jovem

Ao serem questionados sobre as facilidades e dificuldades de serem jovens, novamente percebem-se aspectos relacionados à condição social e econômica influenciando nas respostas dos jovens, o que reitera a ideia de juventudes defendida por Castro e Aquino (2008). Sobre a facilidade de ser jovem, as respostas suscitam as condições de saúde e bem-estar e ainda a perspectiva de viver o futuro, como no relato do jovem M. de 15 anos: "A parte boa [de ser jovem] é saber que ainda tem a vida inteira *pra* aproveitar e que vai dar *pra* viver um monte de coisas ainda" ou ainda: " É poder viver a vida, zoar, saber que tem muitas coisas *pra* descobrir, é ter mais liberdade", diz F. de 17 anos.

Sobre as dificuldades vividas na juventude, na grande maioria das respostas ficam evidentes aspectos relacionados aos conflitos intergeracionais e a dificuldade de compreender

a si mesmos e os seus sentimentos, característica dessa etapa conforme sugerido nos estudos de Camarano (2002).

Relata L. de 15 anos "*Pra* mim, a dificuldade maior é fazer as pessoas me entenderem. Parece que a minha mãe e o meu pai nunca foram adolescentes...". Já para o jovem S. de 14 anos "Minha família *tá* sempre reclamando de mim e eu acho isso muito chato. Eles querem que eu estude mais e que não fique tanto andando de skate, mas que graça tem estudar?" Para C. de 15 anos: "Eu acho que eles [os pais] deveriam ficar mais comigo em vez de reclamar tanto. Aí eles acham ruim quando eu saio com os meus amigos, mas todo adolescente precisa de amigos."

Para Urresti (2011, p. 45), sobre essa relação entre gerações:

> con la adolescencia se abren espacios de conflicto intergeneracional en el interior de las familias, siempre renovados con la sucesiva entrada de cada niño en la pubertad. En ese proceso los adolescentes forjan cosmovisiones y valoraciones no necesariamente acordes con los mandatos de La tradición heredada, poniendo en cuestión su validez y su poder de obligar. Familias y escuelas, ámbitos primordiales de la niñez mayoritaria, comienzan a compartir su espacio con otras dimensiones de la vida social en la que los adolescentes participan, expandiendo las redes de relaciones en las que actúan. Mientras transcurre el período, los adolescentes construyen también espacios "propios" en busca de una mayor independencia respecto de la mirada de sus mayores, generando mecanismos de identificación en los que se reconocen.

4.2.3 Frequência e finalidade de uso dos meios de comunicação

Buscaram-se obter informações dos entrevistados sobre a utilização dos meios de comunicação, em especial o telefone celular e o computador com acesso à internet com o objetivo de compreender como essas ferramentas são utilizadas pelas diferentes gerações estudadas e com que finalidade são usadas, a fim de estabelecer uma comparação.

Em relação à frequência de acesso à internet, observou-se que 100% dos netos têm acesso à internet e a utilizam ao menos três vezes por semana, sendo que a grande maioria a utiliza diariamente.

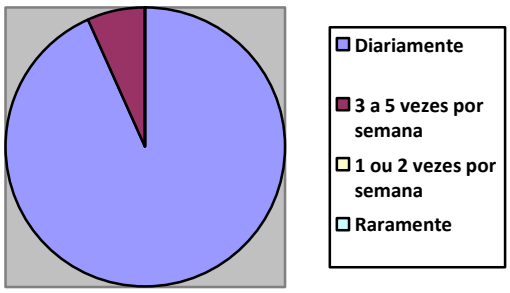

Figura 11 – Frequência de acesso à internet por netos
Fonte: Autora

Quanto aos idosos, esse uso é mais restrito, embora 72% dos entrevistados declarem que o acesso acontece ao menos três vezes por semana. Os dados obtidos nas entrevistas diferem da pesquisa desenvolvida pelo IBGE quanto ao percentual da população brasileira com mais de 50 anos com acesso à internet; entretanto, esses dados se justificam quando se considera a condição sócio-econômica do grupo de entrevistados.

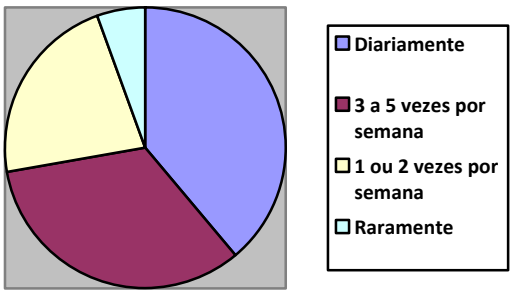

Figura 12 – Frequência de acesso à internet por avôs
Fonte: Autora

Ao realizar o comparativo da frequência de utilização da internet, pode-se observar que a internet é acessível tanto aos avôs quanto aos netos; entretanto, a assiduidade com a qual a utilizam é evidentemente diferente entre os grupos pesquisados, sendo muito mais frequentemente utilizada pelos jovens do que pelos idosos.

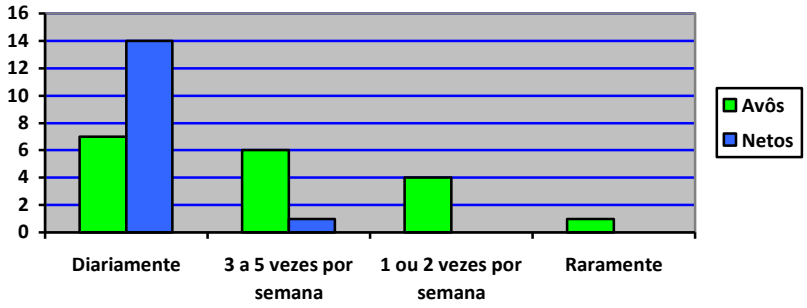

Figura 13 - Comparativo da frequência de acesso à internet entre avôs e netos
Fonte: Autora

Considerou-se também o tempo de permanência de jovens e idosos conectados à internet. Verificou-se que, em relação aos netos, 93% declararam que permanecem mais de 10 horas semanais ligados à rede de computadores[24], sendo que a grande maioria destes, 80% permanece mais de 20 horas semanais conectados.

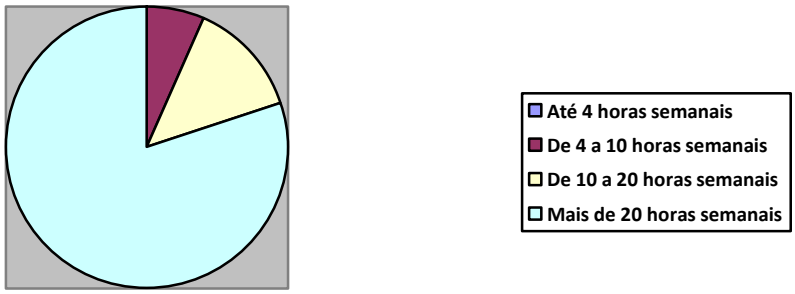

Figura 14 - Tempo de permanência dos jovens na internet
Fonte: Autora

Em relação ao grupo de idosos, observou-se que seu tempo de permanência revela-se menor. Apenas 55% dos avôs declaram que permanecem mais de 10 horas semanais atentos à internet e destes, apenas dois dizem que ficam por mais de 20 horas semanais conectados.

[24] Foram consideradas as respostas dos jovens com relação à conexão à internet, independentemente de o fazerem via computador ou telefone celular (*smartphone*)

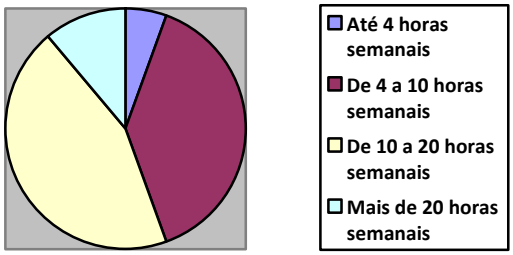

Figura 15 - Tempo de permanência dos avôs na internet
Fonte: Autora

A finalidade de uso da internet também se revelou diferente para avôs e netos, já que alguns avôs não exercem atualmente atividades profissionais que poderiam ser equivalentes, no caso dos netos às atividades escolares. Mesmo assim, verificou-se que 50% dos avôs e 80% dos netos utilizam a internet tanto para fins de lazer quanto profissionais ou acadêmicos. Apenas um idoso assegurou que utiliza a internet apenas por "obrigação profissional" enquanto que a grande maioria (88%) declara que a utiliza também para o lazer, associado ou não à utilização profissional.

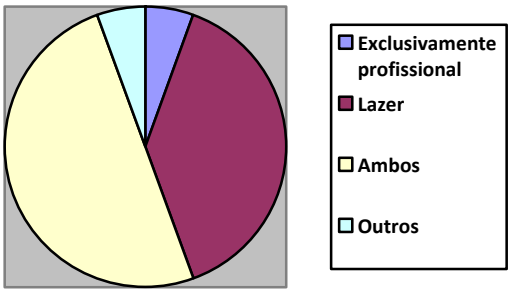

Figura 16 - Finalidade do uso da internet por avôs
Fonte: Autora

Quando se levantaram os dados relacionados aos netos, verificou-se que a grande maioria destes (80%) usa para fins escolares e de lazer; e que 100 % deles utilizam ao menos para o lazer, o que reforça a importância da família estar atenta ao acesso do jovem à internet. Não se procurou aprofundar com os jovens, nesta pesquisa, o tipo de lazer que buscavam na rede mundial de computadores.

Considerando-se as ideias discutidas por Castro e Aquino (2008, p. 87) que afirmam que

> o experimentalismo da juventude tem três dimensões: demanda por reconhecimento, crítica à cultura consagrada e desejo de acesso à informação cultural. Tudo isso vem regado com um forte *ecletismo* ou *hibridismo* cultural e crítica às formas de cultura estabelecidas ou legítimas, seja no campo das artes ou das formas de vida das gerações anteriores.

É possível declarar, portanto, que, a internet nesta perspectiva pode ser considerada uma ferramenta de acesso do jovem a um mundo social no qual busca estabelecer relações com os seus semelhantes, construir sua identidade e configurar sua posição social, vivenciar laços afetivos e confirmar seu espaço em uma sociedade em transformação.

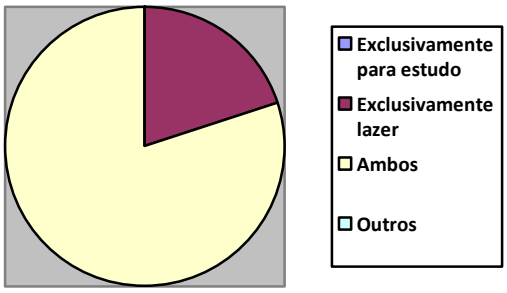

Figura 17 - Finalidade do uso da internet por netos
Fonte: Autora

Procuraram-se analisar também as finalidades da utilização dos telefones celulares por avôs e netos, visto que, conforme dados do IBGE já citados anteriormente, no ano de 2008, 53,8% da população brasileira já possuía telefones celulares e essa tendência vem aumentando consideravelmente nos últimos anos, segundo o próprio Instituto. Neste sentido, observou-se que apenas um senhor F. de 72 anos afirmou que não utiliza o telefone celular ao relatar que "Não gosto dessas modernidades de acharem sempre a gente. Prefiro ter a minha liberdade..."

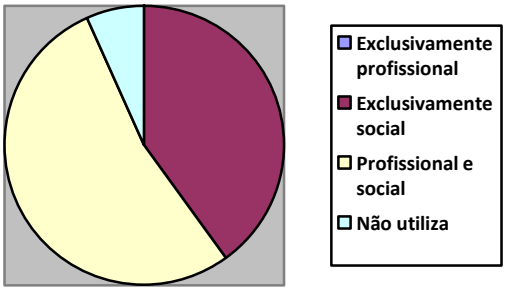

Figura 18 - Finalidade da utilização do telefone celular por avôs
Fonte: Autora

Ao serem questionados, 100% dos entrevistados pertencentes ao grupo de jovens afirmaram que utilizam o telefone celular diariamente. Pode-se verificar que o telefone celular tornou-se uma ferramenta útil, tanto para comunicação quanto para ascensão pessoal e social. O mesmo aspecto pode ser considerado em relação à utilização do telefone celular pelos jovens e pelos idosos.

Essas respostas corroboram as ideias defendidas por Castro e Aquino (2008) ao afirmar que

> a juventude é um momento do tempo suspenso, ou seja, um adiamento da vida verdadeira, que é a vida adulta, mas ao mesmo tempo é quando se vivenciam de forma especial os laços sociais e afetivos e se desenvolvem elementos da própria personalidade e da auto-expressão.

4.2.4 Relações entre avôs e netos

A pesquisa procurou questionar os avôs e netos com relação ao seu relacionamento. Buscaram-se levantar dados que possibilitassem verificar a forma de **interação** entre eles e como percebiam esse contato intergeracional, apontando facilidades e dificuldades no relacionamento. Vygotsky (1998) salienta a influência do contexto social, histórico e cultural no desenvolvimento dos processos mentais superiores, considerando que o modo de pensar e agir do sujeito desenvolve-se a partir das interações sociais e culturais que ele estabelece com o meio circundante. Para o autor, é pela interação do sujeito com o meio, com o outro e com os objetos que acontecem as construções culturais, como a linguagem e a elaboração de conceitos precisam ser desenvolvidos num constante processo de (re)significação e apropriação.

Perguntou-se separadamente aos grupos de avós e netos sobre quais eram os assuntos abordados nas conversas que estabelecem. Verificou-se que os dois grupos têm percepções diferentes acerca do que costumam abordar nas relações que estabelecem, como se observa a seguir:

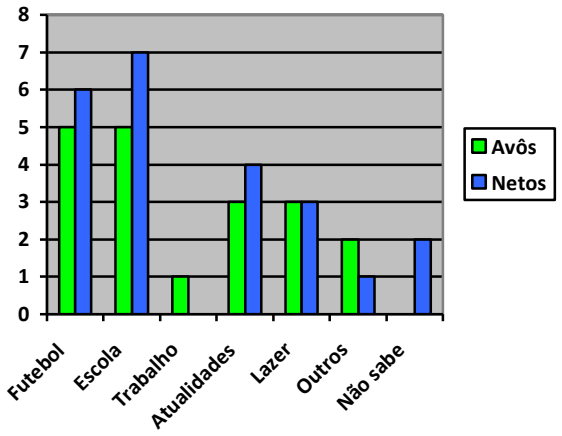

Figura 19 - Assuntos abordados entre avôs e netos[25]
Fonte: Autora

As respostas obtidas tanto pelos avôs quanto pelos netos retratam uma realidade que confirma a importância das relações intergeracionais, objeto de estudo deste trabalho. Edith Brown Weiss (1989), ao explicar o conceito de equidade intergeracional, reconhece que a liberdade de ação de cada geração é condicionada pelas necessidades das gerações futuras, ou seja, há um limite para as gerações atuais. Segundo a autora, a equidade intergeracional somente pode ser alcançada se as atuais gerações conservarem a diversidade biológica e cultural, contribuindo para que as espécies e culturas tradicionais não sejam erradicadas, fato observado nos estudos e análises desenvolvidos neste trabalho.

Neste sentido, evidencia-se pelas respostas obtidas como são diferentes as percepções acerca das relações que se estabelecem entre os indivíduos de diferentes gerações, uma vez que, mesmo para citar os assuntos sobre quais mais conversam, muitas das respostas parecem conflitantes.

Percebe-se que o esporte, de maneira especial o futebol e as atividades cotidianas ligadas ao trabalho ou ao estudo, ainda são os pontos em comum entre avôs e netos. Segundo o senhor E. de 72 anos, “Sempre que tem jogo a gente se encontra. Acho que é o momento

[25] Alguns entrevistados referiram-se a mais de um assunto como sendo importante

que a gente tem os mesmos interesses!", afirma, referindo-se ao neto M. de 15 anos. Já para o neto V. de 16 anos, "a gente fala sobre a escola, mas é principalmente *pra* ele me perguntar se eu vou passar de ano e como estão as minhas notas."

Essa constatação pode ser relacionada aos aspectos culturais predominantes na sociedade brasileira, conforme afirma Edgar Morin (2001). Para o autor, a herança cultural vai sofrendo adaptações e mudanças através dos tempos, resultando por vezes em "conflitos" entre as gerações que têm visões de mundo distintas e atualmente se apresentam com mais frequência ou de forma mais aguda, por causa da rápida modificação que caracteriza a sociedade atual.

Sendo assim, a herança cultural assume um importante papel nas relações que se estabelecem e que dão continuidade à existência humana em sua totalidade, pois caracterizam o comportamento dos indivíduos que compõem um grupo social.

Ao serem questionados sobre a frequência com que entram em contato com seus avôs ou netos, verificou-se que, as transformações da sociedade contemporânea em vista da ampliação do acesso da mulher ao mercado de trabalho, as novas estruturas familiares, as alterações na composição das famílias brasileiras e ainda o aumento da expectativa de vida do cidadão brasileiro, interferiram no relacionamento que se estabelece entre avôs e netos. Como citado anteriormente, alguns jovens, após situações familiares diversas, passaram a morar com seus avôs bem como idosos foram morar com seus filhos e netos. Essas características que diferenciam a composição familiar e seus hábitos interferem nos padrões de relacionamento que se estabelecem entre jovens e idosos; em certos casos aumentando a frequência do contato e em outros, tornando-a mais escassa.

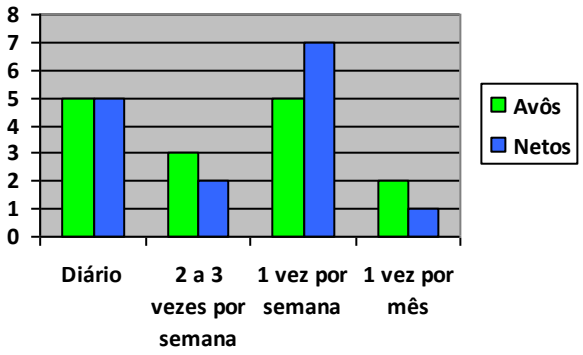

Figura 20 - Frequência de contato entre avôs e netos[26]
Fonte: Autora

[26] Não foi determinado nesse momento se o contato era pessoal ou utilizando algum meio de comunicação.

4.1.4 Meios de contato entre avôs e netos referindo-se às possíveis ferramentas que utilizam para se relacionar.

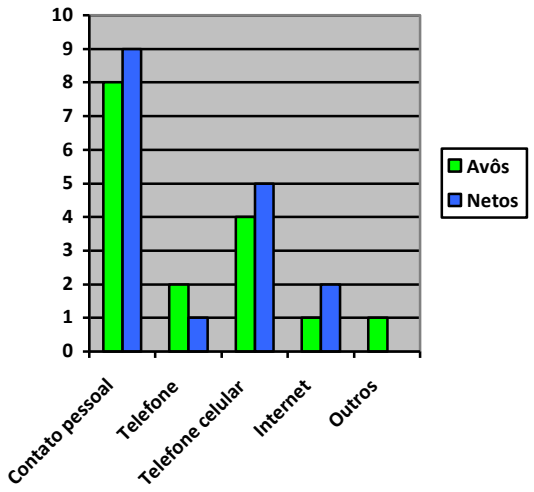

Figura 21 - Meio de contato entre avôs e netos [27]
Fonte: Autora

Sobre os dados revelados por meio desta pergunta, é preciso considerar que alguns dos jovens entrevistados (26%) residem com os seus avôs, fato que necessariamente promove o contato pessoal entre eles. Neste sentido é necessário observar que embora não utilizem alguns dos instrumentos de comunicação como ferramenta de intercomunicação, por vezes ela pode ser, segundo relato dos entrevistados, meio de interação quando o jovem auxilia seu avô para a utilização correta do computador ou celular.

As respostas obtidas confirmam a teoria defendida por Theodore Zeldin(2009) ao referir-se à conversa como possibilidade de minimizar os impactos produzidos pelas diferenças culturais. Segundo o autor, houve uma modificação no comportamento humano e nas relações que se estabelecem afirmando que, na era da informatização, as relações acontecem de forma mais superficial.

Para os jovens que têm contato pessoal frequente com seus avôs, é possível conversar com eles, como relata o jovem L. de 15 anos: “Eu gosto de falar com o meu avô porque ele *tá* sempre ligado nas coisas que acontecem. Ele entende do que eu falo... pelo menos a maioria das coisas.” Ou ainda “ Meu avô gosta de falar do trabalho dele e como ele trabalha com carros, a gente sempre tem assunto.” Em outro caso, percebe-se que mesmo sentido como “cobrança” há uma relação estabelecida entre avô e neto, conforme o relato do jovem F. de 17

[27] Alguns entrevistados citaram mais de um meio como importante para a comunicação

anos: “ Eu acho chato porque ele vive falando de vestibular, como se eu não tivesse mais nada *pra* fazer”

Já para aqueles que não têm um contato tão próximo com seus avôs, percebe-se que não há uma iniciativa direta por parte dos netos de procurá-los para conversar. Ao serem questionados sobre esse aspecto, relata o neto C. de 15 anos, “Eu acho meio chato porque a gente não tem assunto. *Daí fica tipo* sem falar nada, então eu acho melhor nem ligar. Só quando ele liga pra cá...” e ainda o jovem S. de 14 anos “Ele só sabe perguntar do meu pai então, por que eu ia ficar falando com ele?”

Por outro lado os avôs relatam, em muitos casos, o sentimento ocasionado pela falta de contato direto com os netos. Para o avô H. de 70 anos “Às vezes a gente sente falta de quando eles eram pequenos. Eu deveria ter aproveitado mais para ficar com eles.” Ou como diz o senhor F. de 68 anos, por exemplo:

> No meu caso, eu tenho procurado achar alguma coisa em comum *pra* ficar mais perto dele. Fiz até a carteirinha de sócio do Coxa, assim nós vamos ao jogo juntos. Por enquanto tem dado certo. É bom conviver com os jovens, assim a gente fica jovem também.

Nesse aspecto, pode-se afirmar que a linguagem como construção social, torna-se fundamental para as relações que se estabelecem e para a interação entre jovens e idosos. Para Bakhtin (1992), a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta; para o autor, a substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal realizada por meio das enunciações. Para Saussure (1970), a língua é um fato social que proporciona as relações e o convívio social. Ainda sobre a importância da linguagem, Vygotsky (1984) ressalta a concepção de língua como expressão do pensamento, com a função de externalizar o interior do ser humano, seus valores, suas ideias e a forma como se relaciona com o grupo social ao qual pertence.

Sob essa perspectiva, é importante ressaltar que a forma como cada indivíduo utiliza-se da linguagem e a transforma de acordo com o contexto, interfere nas relações que estabelece. Considerando o estudo de Vygotsky, sendo o desenvolvimento humano constituído pelas e nas relações interpessoais, os instrumentos simbólicos ganham relevância, pois são eles que viabilizam a comunicação, a abstração, a generalização, a partilha de nossas experiências, pensamentos e emoções, enfim, a capacidade de agir mentalmente sobre o meio físico e social.

Esse fato pode ser percebido nos relatos dos dois grupos ao serem questionados sobre a sua comunicação. Afirma o jovem V. de 16 anos

> Com o meu avô V. é fácil de conversar porque ele sempre tem assunto. Ele sabe do que eu *tô* falando e não fica fazendo perguntas nada a ver. Com o meu outro avô, tudo é mais chato. Acho que ele é meio velho, então não conseguimos conversar.

Para o jovem M. de 14 anos,

> Quando meu avô veio morar com a gente eu achei meio chato. A gente só se via no final de semana e eu achei que ele ficar me enchendo. Mas, no fim, até que a gente se dá bem. Ele tem falado comigo até sobre jogos do computador. Às vezes eu acho que ele fica achando assunto, mas no fundo é legal!

Em relação aos avôs, essa interface também é percebida principalmente nos casos em que a frequência de contato não é tão intensa: "Meu neto não é muito de falar. Às vezes eu puxo um assunto ou outro, tem dias que ele conversa, em outros não fala nada. Acho que é característica da idade", afirma J. de 68 anos.

Para o senhor H. de 70 anos,

> A gente só fala mesmo quando ele está a fim, às vezes eu ligo e ele passa o telefone direto, outras conversa comigo. Acho que depende do dia e do assunto. Mesmo assim acho importante ter contato com ele. Mas às vezes fica meio difícil de entender...

Já para os que residem juntos, a conversa é mais intensa, mas requer, segundo a percepção dos entrevistados, uma adequação à linguagem utilizada. Por exemplo: "Se eu falasse com o meu pai do jeito que ele fala com o pai dele, já tinha apanhado, mas hoje em dia, tudo é mais liberal", diz o senhor V. de 69 anos. "A gente precisa ir se acostumando com esse jeito deles porque se não, não tem conversa. Às vezes é preciso relevar muitas coisas...", expõe o senhor G. de 71 anos.

Essas respostas corroboram a teoria defendida por Vygotsky, que afirma que a ideia da transformação dos significados das palavras está relacionada ao significado propriamente dito e ao sentido que se estabelece em dado contexto, o que quer dizer que, para determinados grupos diferentes, uma palavra pode ter o mesmo significado, mas pode ser utilizada em sentidos diferentes dependendo do contexto e da cultura daquele grupo social. Portanto, reafirma a relação entre pensamento e linguagem e as experiências individuais e sociais para a construção da individualidade, que é traduzida por meio da linguagem.

4.1.5 Percepção dos entrevistados em relação à possibilidade dos meios de comunicação proporcionarem a interação entre avôs e netos.

Vygotsky (1984) concebe o desenvolvimento humano a partir das relações sociais que a pessoa estabelece no decorrer da vida. Segundo o autor, pelas trocas entre diferentes parceiros sociais, através dos processos de interação e mediação é que o ser humano amplia suas competências e se constitui indivíduo.

Ao se deparar com a necessidade de utilizar os dispositivos tecnológicos como forma de ampliar a comunicação e, portanto, a sua interação com o outro, sujeitos de diferentes idades o fazem de forma distintas. O acesso de jovens e idosos acontece geralmente por motivos semelhantes, para ampliar sua possibilidade de comunicação; entretanto, pode-se perceber que a facilidade demonstrada pelos jovens que nasceram na era digital representa uma dificuldade para os idosos que precisam se adaptar às mudanças. Para os jovens, estar em constante atualização e em contato com os outros pela internet é muito natural e por vezes até necessário como forma de assegurar sua aceitação social; já para os idosos, pela dificuldade inclusive de acompanhar o ritmo de mudança, não há uma necessidade tão imediata de atualização, prevalecendo durante o tempo em que permanece conectado, a utilização da internet para a conversa ou a pesquisa.

Ao serem questionados se os meios de comunicação, em especial os telefones celulares e os computadores podem proporcionar a interação entre avôs e netos, grande parte dos entrevistados, tanto do grupo de avôs como do grupo de netos a apontam como uma possibilidade.

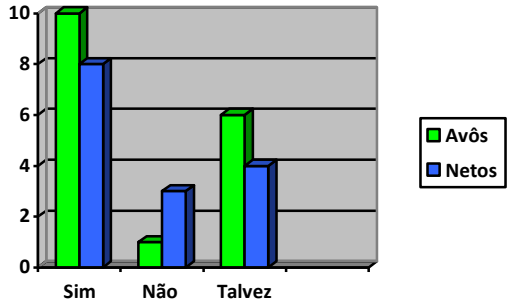

Figura 22 - Possibilidade de utilização dos meios de comunicação como forma de interação
Fonte: Autora

Quando questionados se, em algum momento, netos auxiliaram seus avôs na utilização de telefones celulares e/ou computadores, a maioria dos jovens (80%) respondeu positivamente. Aos avôs, quando questionados se já haviam solicitado a ajuda dos seus netos para a utilização do celular ou computador, 95 % responderam afirmativamente.

Esses dados confirmam que a tecnologia pode ser utilizada como meio de interação entre jovens e idosos. Evidentemente, é necessário observar outros aspectos próprios do relacionamento que interferem na forma de interação entre os indivíduos, como já retratado ao longo do texto, tais como a construção da subjetividade e os fatores que influenciaram cada indivíduo, a forma de se comunicar, a linguagem que utiliza e que interfere na maneira como o outro o aceita e torna-se receptivo às suas colocações. Entretanto, observando as respostas obtidas, pode-se afirmar que os meios de comunicação podem representar um mediador na interação entre indivíduos de diferentes gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências sociais, possíveis pelas relações que estabelecemos, levam à construção da cultura. Este aprendizado é transmitido através das gerações, por meio da sociabilidade e da interação social, tornando o ser humano ao mesmo tempo produtor e receptor de novos conhecimentos, o que leva a novas culturas. Esse processo de constante transformação possibilita que outras relações se estabeleçam, práticas essenciais sejam resguardadas e ressignificadas e garantam a continuidade da vida em sociedade.

Mannheim reflete acerca das gerações a partir de suas relações com o meio social, por meio da análise da conjuntura histórica, política e social e de como as aprendizagens dos indivíduos nos espaços sociais de experiências conjuntivas podem influenciar na composição desse grupo; não apenas em comparação às outras gerações, mas também em relação aos aspectos em comum existentes entre os membros de uma mesma geração. Segundo o autor, para que se possa determinar geração como fenômeno social, haverá necessariamente a transmissão da herança social e cultural de um segmento a outro, o que é essencial para o desenvolvimento e manutenção da cultura, já que possibilita a transmissão cultural a partir dos novos contatos entre gerações.

Considerando que as culturas são influenciadas pela maneira como o homem interage com o meio, com os outros seres humanos e com a natureza, adquirindo conhecimentos a partir das relações intra e interpessoais que estabelece, de acordo com a abordagem sócio-interacionista defendida por Vygotsky, acredita-se, com base na pesquisa apresentada, que as tecnologias da informação e comunicação representam na sociedade contemporânea elementos culturais que podem favorecer a propagação das culturas humanas.

Assim, de acordo com a perspectiva sócio-histórica em que o sujeito precisa de um "outro" para existir como ser, ele não é apenas mais um elemento, pois é capaz de pensar, se comunicar, agir e colaborar no meio em que vive, e o processo de interação que acontece e que pode resultar em aprendizagem pode ser potencializado pela utilização da rede. O ciberespaço pressupõe a formação de conexões, os usuários se aproximam conforme os interesses em comum, semelhante ao processo que acontece no mundo real. A interação com as práticas tecnológicas na utilização do computador, da internet, dos telefones celulares e *tablets* permite que o indivíduo amplie significativamente suas possibilidades de relação com o outro, mas, ao mesmo tempo, modifica essa relação. Assim, cada situação possui as suas especificidades e propicia um determinado tipo de evento social.

A evolução tecnológica das telecomunicações produz impacto na vida real, utilizado por um grupo cada vez maior de pessoas, empresas e outras organizações sociais e políticas no ciberespaço. Lévy aborda o papel fundamental das tecnologias na esfera da comunicação e o desempenho dos sistemas de signos na evolução da cultura em geral. Para o autor (1999, p.229), “ a *cibercultura* inventa uma outra forma de fazer advir a presença virtual do humano frente a si mesmo, que não pela imposição da unidade de sentido”. Temos, portanto, um novo referencial do espaço vivido enquanto produto das relações humanas mediatizadas pelos meios de comunicação advindos da tecnologia.

Analisando os dados obtidos pela pesquisa de campo e relacionados aos conceitos discutidos ao longo do texto em analogia à utilização dos meios de comunicação, é possível afirmar que a tecnologia da informação e comunicação pode ser utilizada como meio de interação entre jovens e idosos como forma de compartilhar a herança cultural e promover a aquisição e perpetuação da cultura. Tal como retrata Vygotsky (1984), cada ser humano constrói a sua própria identidade na interação com o meio embora pertença a um grupo social com valores, regras e características próprias. Para o autor, o processo de aquisição do conhecimento é resultado da interação social, da linguagem e da cultura, o que reafirma a importância das relações para a perpetuação da cultura e consequentemente da própria espécie.

Entender como esse sujeito se forma, como constrói a sua subjetividade e individualidade, influenciadas pela linguagem como ferramenta de comunicação, como cada experiência intervém em sua constituição e como se torna um ser social são aspectos de que devem ser considerados para compreender como esse indivíduo interage com o outro e que aspectos interferem nesta relação

Ressalta-se que, a partir da realização da pesquisa, verificou-se a possibilidade da utilização da tecnologia como meio para a interação entre jovens e idosos, entretanto, concluiu-se que isso ainda não acontece frequentemente no grupo pesquisado. Neste sentido, há que se considerar os aspectos abordados anteriormente, principalmente no que tange a linguagem tanto no contexto real quanto no mundo virtual e suas implicações nas relações entre os indivíduos. O uso da linguagem determina que os indivíduos atribuam um mesmo significado e sentido e a partir dessa convenção social, passa a ser importante instrumento de interação social, pois promove o relacionamento e organiza a vida em sociedade. Entretanto, observou-se pelos relatos de alguns participantes da pesquisa que a linguagem pode servir em alguns casos como facilitadora das relações enquanto que em outras situações pode dificultar a aproximação dos indivíduos das diferentes gerações. Esse fato pode ser explicado

observando que os sujeitos atribuem significados distintos a um mesmo vocábulo, ou ainda não compreendem o sentido atribuído a uma determinada palavra.

Ainda assim, a linguagem enquanto tecnologia com sistema organizado de comunicação pode contribuir para a interação dos sujeitos com o outro e com o meio, indicando sua importância para o desenvolvimento dos grupos sociais.

Há ainda, de acordo com a pesquisa, que se considerar as condições de acesso do indivíduo aos meios de comunicação, seja pela ausência de necessidade ou pela dificuldade de se adaptar a uma nova realidade. Ou seja, para que se verifique de fato se as novas tecnologias da informação e comunicação são utilizadas como um meio de interação, é preciso investir no letramento digital dos jovens e idosos como forma de adaptar a linguagem a essas novas ferramentas. Certamente, esse é um aspecto que merece ser aprofundado em um novo estudo.

Por fim, o ser humano está constantemente aprendendo e se ressignificando a partir das interações que estabelece na medida em que é inserido em um processo histórico que, de um lado, oferece os dados sobre o mundo e visões sobre ele e, de outro lado, permite a construção de uma visão pessoal sobre este mesmo mundo. A capacidade de produção simbólica, de comunicar-se por meio da linguagem, de pensamento e consciência assegura a condição humana. A interação do indivíduo, por meio de um constante processo de aprendizado, marcado por evoluções e adaptações, constituiu-se em ferramenta essencial de inserção social e construção cultural e por meio da pesquisa realizada, considera-se que o contato intergeracional é fundamental para assegurar a transmissão e perpetuação da herança cultural.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA NETO, P. **História das comunicações e das telecomunicações**. Disponível em http://www2.ee.ufpe.br/codec/Historia%20das%20comunicaes%20e%20das%20telecomunicaes_UPE.pdf Acesso 02/02/2013.

ARAUJO, Lindomar. **Sociabilidade**. Disponível em http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1592646. Acesso em 02/04/2013

BAKHTIN, M.M. **Os gêneros do discurso**. In:Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 277-326.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice.** Tradução de Maria H. F. Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOURDIEU, P. **O capital social – notas provisórias.** In: CATANI, A. e NOGUEIRA,M.A.(Orgs.) Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 65-69.

BRASIL. Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

_____. Ministério das Comunicações. Disponível em http://www.mc.gov.br. Acesso em 21/02/2013.

CAMARANO, Ana A. **Muito além dos 60, Os novos idosos brasileiros**. IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Rio de Janeiro, 1999.

_____(org) **Os novos idosos brasileiros**: Muito Além dos 60?/ Organizado por Ana Amélia Camarano. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, Ana A. & PASINATO. Maria T**. Envelhecimento da população brasileira:** Uma contribuição Demográfica. IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Texto para discussão no. 858. Rio de Janeiro. Janeiro/2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Volume 1. Tradução da 8ª edição. Paz e Terra, 2000.

CASTRO, Jorge Abrahão de. & AQUINO, Luseni (org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil.** IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Texto para discussão nº 1335. Brasília, abril/2008.

CASTRO, Mary Garcia e RIBEIRO, Ingrid Radel. **Adolescentes, jovens, direitos e família: questionando saberes sobre proteção a direitos sexuais e reprodutivos.** In: Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades / Organizadores: Juarez Dayrell, Maria Ignez Costa Moreira, Márcia Stengel. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

CHARON, Joel. **Sociologia.** São Paulo: Saraiva, 2004.

CROCHIK, José Leon. **Os desafios atuais do estudo da subjetividade na psicologia**. Psicologia USP. vol. 9 nº 2, p. 69-85, 1998.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância**: perspectivas pós-modernas.Porto Alegre: Artmed, 2003.

DEMO, Pedro. **Olhar do educador e novas tecnologias**. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 37, n.2, mai./ago. 2011.

DIAS, Cristiane. **A escrita como tecnologia da linguagem.** Coleção HiperS@beres. Disponível em http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumeII/indez.php?option=com_content&view=article&id=1140:a-escrita-como-tecnologia-da linguagem.Acesso em 12/03/2013.

DOLL, J. **Gerações – um olhar para o "Problema das Gerações" de Karl Mannheim.** Revista Portal de divulgação. Disponível em www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista-nova/index.php/.../article/.../317, p.46 à 49. Acesso em 22/11/2012.
EISENSTADT, S. N. **De geração em geração**. Tradução: Sérgio P. O. Pomerancblum. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FAIS, Gilson. **Literacia e desenvolvimento tecnológico.** Disponível em: http://maristaonline.org.br/literacia. Acesso em 10/09/2013.

FARIAS, Maria C. Queiroz. **Linguagem na educação infantil**. Fortaleza, CEDUC, 2003.

FARINA, E. M. M. Q. **Abordagem sistêmica dos negócios agroindustriais e a economia dos custos de transação.** In: FARINA, E. M. M. Q. et al.. Competitividade: Mercado, Estado e Organizações. São Paulo: Singular, 1997.

FLEURY, A. **Capacitação tecnológica e processo de trabalho.** Revista de Administração de Empresas, p. 23-30, São Paulo: FGV, out/dez 1990.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em www.ibge.org.br. Acesso em 22/02/2013.

GEERTZ, C. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GONZALEZ REY, F. L. **La investigacion cualitativa en psicología**. São Paulo: EDUC, 1999.

KLUCKHOHN, C. **Antropologia:** um espelho para o homem - Vol. 29. São Paulo: Itatiaia, 2005.

LANGER, André. **Mutações no mundo do trabalho.** A concepção de trabalho de jovens pobres. Tese de doutorado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

LASCH, C. **Refúgio num mundo sem coração**: a família: santuário ou instituição sitiada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LEVY, Pierre. **O que é virtual?**. São Paulo: 34, 1996.

_____**Cibercultura.** São Paulo: 34, 1999.

LURIA, A. R. **Desenvolvimento cognitivo**: seus fundamentos culturais e sociais. São Paulo: Ícone, 1990.

MANNHEIM, Karl. **O problema de uma sociologia do conhecimento.** In: MERTON, R. et al. Sociologia do conhecimento. Rio de Janeiro: Zahar Editores,1967.

MEDEIROS, Suzana A. Rocha. **O lugar do velho no contexto familiar**. In: PY, Ligia... [ET al.] Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: Nau, 2004, p.185-200.

MOREIRA, Carla. **Letramento digital:** do conceito à prática. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758. Disponível em http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosielp/pt/arquivos/sielp2012/441.pdf

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky:** aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PASCHOAL, Sérgio Márcio Pacheco. **Qualidade de vida do idoso:** elaboração de um instrumento que privilegia sua opinião. Tese de mestrado. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

PASQUALOTTI, Adriano. **Comunicação, tecnologia e envelhecimento**: significação da interação na era da informação. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PORTO, Tania Maria Esperon. **Linguagens** – as tecnologias de comunicação e informação a escola. Disponível em http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/6376/linguagens-as-tecnologias-de-comunicacao-e-informacao-na-escola#ixzz2xjn3jCjd. Acesso em 15/02/2014

PRADO Filho, Kleber e MARTINS. Simone. **A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s).** Revista Psicologia & Sociedade vol.19 nº.3 Porto Alegre Sept. / Dec. 2007 disponível em http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000300003 Acesso em 12/10/2012.

PRETTO, Nelson de Luca. **Linguagens e Tecnologias na Educação.** In: Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender, organizado por Vera Candau, pela DP&A, ps. 161-182. Disponível em http://www2.ufba.br/~pretto/textos/endipe2000.htm

RIBEIRO, Paulo Silvino. **Seres humanos**: Produtores e produtos do conhecimento. Artigo publicado no Portal Brasil Escola. Disponível em http://www.brasilescola.com/sociologia/seres-humanos-produtores-produtos-conhecimento.htm. Acesso em 12/01/2014.

RODRIGUES. Lizete de Souza. **Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea**. In: Revista Ágora, Vitória, n.4, 2006, p. 1-29.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANCHO, Juana M. **Para uma tecnologia educacional.** Trad. Betriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. **A tecnologia**: um modo de transformar o mundo carregado de ambivalência*. Secretaria Municipal de Educação DEPE / CEFPE / NTE Goiânia Sudoeste Curso Informática Educacional para Auxiliar de Ambiente Informatizado – 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Org. Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 1970.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. **O envelhecimento na atualidade**: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Revista Estudos da Psicologia, Campinas, n. 25, v. 4, p. 585-93, outubro/dezembro de 2008.

SCHMIDT, Cristiane e DOLL, Johannes. **Entre o avô e o neto**: relatos co-educativos. Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, 2009, disponível em http://www.cibs.cbciss.org/arquivos/ENTRE%20O%20AVG%20E%20O%20NETO%20-%20RELATOS%20CO-EDUCATIVOS.pdf. Acesso em 01/09/2013.

SCHUTZ, Alfred. **O mundo das relações sociais**. In: WAGNER, Helmut R. (Org.). Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita**: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade: Campinas, vol.23, n.81, p.143-160, dez. 2002.

SOUSA, Janice. Apresentação do Dossiê: **A sociedade vista pelas gerações**. Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política, Florianópolis: v. 5 n. 8. p. 9-30, 2006.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Projeto Educativo do Brasil Marista**: nosso jeito de conceber a Educação Básica. Brasília: UMBRASIL, 2010.

URRESTI, Marcelo. **Adolescentes, jóvenes y socialización: entre resistencias, tensiones y emergências**. In: Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades / Organizadores: Juarez Dayrell, Maria Ignez Costa Moreira, Márcia Stengel. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

VAZ-SERRA, A. **Que significa envelhecer?** In: FIRMINO et al. (Eds). Psicogeriatria. Coimbra: Psiquiatria Clínica, p. 21-33, 2006.

VELOSO, Ana Isabel; MEALHA, Óscar; FERREIRA, Sonia; SIMÕES, Jessica; FONSECA, Ivo. **A utilização da comunicação mediada tecnologicamente pelo cidadão sênior**. Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas, XXXIV

Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Disponível em http://www.seduce.pt/SITE_PT/documentos/rc12/rc12_total.pdf . Acesso em 01/11/2013.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984

_____ **Pensamento e linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

_____ **Psicologia pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY,L.S.& LURIA, A.R. **Estudos sobre a história do comportamento**: símios, homem primitivo e criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

WEISS, E. B. In **Fairness to Future Generations**: International Law, Common Patrimony, and Intergeracional Equity. Tokyo: United Nations University, 1989. Disponível em www.teses.usp.br/teses/disponiveis/90/90131/tde-24042013.../PCV.pdf. Acesso em 02/06/2013.

WELLER, W. **A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim**. In: Sociedade e Estado. Vol. 25 nº 2 Brasilia Maio/Agosto 2010 disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922010000200004&script=sci_arttext. Acesso em 01/05/2013.

ZELDIN, Theodore. Entrevista concedida a Ana Neves e publicada no Portal Kmol, 2009, disponível em http://kmol.online.pt/entrevistas/2009/11/03/theodore-zeldin. Acesso em 02/05/2013